

Relatório de Estágio do Mestrado em Jornalismo

Carlos Carvalhosa

A cobertura do Mundial do Catar no *Telejornal* da RTP 1

30 de abril, 2023

Relatório de Estágio do Mestrado em Jornalismo

Carlos Carvalhosa

A cobertura do Mundial do Catar no *Telejornal* da RTP 1

30 de abril, 2023

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, realizado sob a orientação científica do
Professor António Granado

DECLARAÇÕES

Declaro que este Relatório de Estágio é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e/ou na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 30 de abril de 2023

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O orientador,

Lisboa, 30 de abril de 2023

Tornar-te-ás só quem tu sempre foste,

Ricardo Reis

Agradecimentos

Em primeiro lugar o mais importante! **Obrigado, pais**, pelos esforços financeiros que fizeram para me proporcionar este mestrado e todos os custos associados, por sempre estarem presentes para me aconselhar nas minhas escolhas sabendo que eu nem sempre iria seguir os seus conselhos.

Obrigado, avós, pelo carinho que mostraram sempre por mim e por acreditarem nos meus sonhos, mesmo eu dizendo-lhes que a minha área é tão difícil e que o desemprego parece cada vez mais certo!

Obrigado, Cait, por me teres feito a pessoa mais feliz em 2022. Por me teres ouvido sempre que precisei, por teres estado lá, por tudo! Não tenho palavras para agradecer.
Um enorme carinho por ti, *Jigglypuff*!

Obrigado, Marcos, por seres o melhor amigo de sempre e me ouvires a lamentar tantas noites sobre a minha vida, quer pessoal, quer profissional, e por nunca deixares de puxar o melhor de mim. Gosto muito de ti, *Obyms*.

Obrigado Rita e Inês por me acompanharem nas minhas aventuras aqui por Lisboa e por serem, também, um porto seguro para conversar e falar do meu desespero.

Obrigado aos meus colegas de estágio, Inês “Brito de Novo”, João Saraiva “Chamam-se morsas”, e João Damião por fazerem deste estágio mais feliz (emoji sal e boca aberta).

Obrigado a toda a equipa da RTP em Lisboa por me receber tão bem e por estar presente para ensinar o que há de melhor na arte do jornalismo. Sei que neste meio nem sempre é fácil ter paciência para ensinar estagiários e deixar o trabalho de lado. Um agradecimento especial à Adília Godinho, Basília Pita, Luísa Bastos, Isabel Gonçalves, Ana Serapicos e toda a editoria de desporto.

Obrigado ao Professor António Granado pela orientação e disponibilidade durante a execução do Relatório para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo.

A todas estas pessoas, e outras que não constam aqui por falta de espaço, mas não esquecendo eu o seu valor, dedico-vos esta dissertação de mestrado e todo o sucesso que desta possa advir.

A cobertura do Mundial do Catar no *Telejornal* da RTP 1

Carlos Carvalhosa

Resumo

Intitulado “A cobertura do Mundial do Catar no *Telejornal* da RTP 1”, o presente relatório de estágio tem como objetivo analisar como foi feita a cobertura da maior competição de futebol a nível mundial e qual o seu espaço na agenda mediática de uma estação televisiva de serviço público. Para chegar ao objetivo suprarreferido foi utilizada uma metodologia mista: entrevista a três jornalistas enviados para o Catar, entre os quais João Domingues, João Miguel Nunes e Manuel Fernandes Silva, e uma análise de conteúdo a todas as peças relacionadas com a competição mundial que foram para o ar durante o decorrer do *Telejornal* da RTP 1.

Foram contabilizadas, no total, 153 peças jornalísticas, nas quais foram reconhecidas 140 peças inseridas na temática de Desporto. Como seria expectável, por se tratar de um evento desportivo, a maioria dos assuntos relacionados com o mesmo têm um carácter desportivo. Porém, não era esperado um número tão grande, uma vez que quando se soube que o Catar seria o país responsável por organizar o Mundial gerou-se muita polémica devido ao facto de o país em questão não respeitar, na íntegra, os direitos humanos. Quando se relacionaram as três entrevistas, foi notório que os jornalistas tiveram em atenção as polémicas que estavam em torno do Catar, e procuraram dar espaço a esses assuntos na agenda pública, não esquecendo que estavam ali para mostrar o futebol.

Palavras-Chave: Jornalismo Desportivo; Mundial do Catar 2022; Futebol; *Telejornal* RTP1;

Abstract

Entitled "The coverage of the World Cup in Qatar on RTP 1 News", this internship report aims to analyze how the coverage of the biggest soccer competition in the world was made and what was its space in the media agenda of a public service television station. To reach the above mentioned objective a mixed methodology was used: interview to three journalists sent to Qatar, among them João Domingues, João Miguel Nunes and Manuel Fernandes Silva, and a content analysis to all the pieces related to the world competition that were aired during the course of RTP 1's *Telejornal*.

A total of 153 journalistic pieces were counted, in which 140 pieces were recognized as having a Sports thematic. As expected, since this is a sports event, most of the subjects related to it have a sports nature, but such a large number was not expected, since when it was known that Qatar would be the country responsible for organizing the World Cup, much controversy was generated due to the fact that the country in question did not fully respect human rights. When relating the three interviews, it was noticeable that both journalists paid attention to the controversies that were surrounding Qatar, and tried to give space to these subjects in the public agenda without forgetting that they were there to show soccer.

Keywords: Sports Journalism; Qatar World Cup 2022; Soccer; RTP1 *Telejornal* newscast;

Índice

INTRODUÇÃO.....	11
PARTE I	13
Capítulo 1 – RTP 1	13
1. “Radiotelevisão Portuguesa”	13
2. Ensinar a pescar em vez de dar o peixe	15
3. O <i>Telejornal</i>	17
PARTE II.....	20
Capítulo 2 – Jornalismo: o jornalismo desportivo	20
1. Jornalismo: A especialização em desporto	20
2. Futebol: O substituto da caça.....	23
3. Futebol: Uma forma de identificação e pertença na sociedade	25
4. O futebol no jornalismo	27
5. Os mundiais de futebol: o pote de ouro da FIFA.....	30
PARTE III	33
Capítulo 3 – Investigação e Metodologia	33
1. Delimitação e objetivos do estudo	33
2. Análise de Conteúdo.....	35
Capítulo 4 – Análise e discussão dos resultados	36
1. O Mundial do Catar no <i>Telejornal da RTP 1</i>	36
2. “O Mundial em que o negócio está acima dos direitos humanos”	44
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS	55

INTRODUÇÃO

A competição mais esperada de 2022 começara dia 20 de novembro, um domingo, e estendeu-se até ao dia 18 de dezembro. Foi assim que começou, oficialmente, mas já tinha começado a ser falado muito antes. Através das pessoas apaixonadas pelo futebol, que ansiavam para ter algo diferente a preencher os seus dias; pelas pessoas que não ligam ao desporto, a lamentarem-se que iam ter de lidar com jogos todos os dias; e pelos mais diversos órgãos de comunicação social, que já haviam começado a dar a conhecer as polémicas do país que foi *host*¹ do mundial, o Catar. É precisamente aqui que deve recair a atenção deste trabalho, na função do jornalista: “Um contador de histórias da sociedade contemporânea” (Traquina: 2002, p.10). Mas, afinal de contas, o que é o jornalismo? Eduardo Meditsch (1997), há 20 anos, já havia respondido através de outra pergunta: “= jornalismo é uma forma de conhecimento?”. Para o autor os jornalistas deixam de ser “meros comunicadores para se transformarem em produtores e reprodutores de conhecimento” (Meditsch: 1997 p.12).

O jornalista passa a ser um indivíduo cuja ambição é responder às questões dos seus leitores. Este objetivo implica muito mais do que parece, não é tão fácil. Exige que se tenha tempo, algo que hoje em dia é cada vez mais escasso para os jornalistas; que se investigue e se consiga chegar a fontes seguras; e que se chegue a uma única conclusão verdadeira, pois só com a verdade é que se faz jornalismo e se está ao serviço da democracia, um pilar importante no jornalismo. É este o princípio que garante a liberdade de imprensa e de expressão para que se possa impactar, positivamente, a construção da realidade.

Este relatório de estágio foca-se na cobertura do Mundial do Catar no *Telejornal* da RTP 1. Com base na experiência de estágio, particularmente através do contacto com a editoria de desporto e do acompanhamento dos conteúdos no *Telejornal*, este projeto visa compreender como foi executada a cobertura da competição de futebol, e se toda a polémica envolvida teve o devido espaço mediático e foi tratada com transparência e verdade.

¹ Responsável por receber o Mundial

Assim sendo, dividimos este projeto em várias partes. Começamos com uma breve contextualização histórica sobre a instituição onde decorreu o estágio, bem como as atividades desempenhadas durante os três meses de contacto com a RTP, em Lisboa, e uma breve explicação de como funcionam os preparativos para a emissão do *Telejornal* em horário nobre, assunto que é também abordado para se perceber a importância do mesmo.

Num segundo momento, encontramos uma revisão de literatura onde é possível refletir sobre o jornalismo na sua amplitude: como se faz, para quem se faz e o que é. Abordamos também a especialização em jornalismo desportivo, a presença do desporto, mais concretamente de futebol, nos média, e por fim, mas não menos importante, uma contextualização do Mundial de Futebol e a sua importância histórica para que se possa perceber a grandeza da competição.

Num terceiro momento, passamos para o estudo de caso (A cobertura do Mundial do Catar no *Telejornal* da RTP 1), onde analisámos todas as peças do *Telejornal* relacionadas com o Catar, com a finalidade de perceber como foi feita a cobertura da competição de futebol na estação televisiva de serviço público.

PARTE I

Capítulo 1 – RTP 1

1. “Radiotelevisão Portuguesa”

A Rádio e Televisão de Portugal, ou “Radiotelevisão Portuguesa”, foi criada, em 1956, para obedecer a “um imperativo de progresso e de valorização nacional” (Folheto RTP 1956, n.d.). Começou a sua atividade experimental nesse mesmo ano na Feira Popular de Palhavã (Lisboa) e passado 24 dias passou a emitir a partir das instalações no Lumiar a título provisório. Dia 5 de fevereiro, um ano mais tarde, transmitiu pela primeira vez num formato que viria a revolucionar, daqui em diante, a maneira de fazer jornalismo: o direto.

“Ela é, ao mesmo tempo, o Livro, o Palco, o Concerto, o Estádio, a Viagem, o Jornal. Sendo assim, quem não verá na missão desta Empresa uma tarefa nacional?” (Folheto RTP 1956, n.d.). Há 67 anos que a televisão já seria parte daquilo que é hoje: “Formar, informar e divertir”, lema que a estação televisiva adotou no começo. Em 1958, quase metade do território português tinha a cobertura da RTP e, um ano mais tarde, entrava em funcionamento o centro de emissões do Porto, onde em 1960 se estabeleceram as ligações internacionais por satélite.



Figura 1 - Zonas abrangidas em território nacional em 1958

Depois do 25 de abril de 1975, a Rádio e Televisão de Portugal passou a empresa pública e cinco anos depois começaram as emissões a cores. Foi a cores que se fez uma das maiores transmissões de que há memória na RTP: a visita de João Paulo II a Portugal.

Em 1986, a estação televisiva passou para as instalações da Avenida 5 de outubro com melhores infraestruturas, “mais e melhor material técnico, houve reforço de retransmissores e a televisão começou a estar em todo o lado com correspondentes em várias partes do mundo” (*A História Da RTP até 1990*, n.d.). As horas de emissão, bem como as horas ligadas à informação, foram aumentadas. Já na altura se perguntava algo que ainda hoje se questiona: A rádio e a televisão iriam lutar entre si?



Figura 2 - Rádio vs. Televisão

Atualmente, a Rádio e Televisão de Portugal tem a sede em Lisboa na Avenida Marechal Gomes da Costa e várias delegações espalhadas pelo território português, como em Coimbra, Castelo Branco, Vila Real, entre outras. Para além da RTP 1, há também a emissão da RTP 2, RTP 3, RTP África, RTP Internacional, RTP Açores e Madeira e RTP Memória.

A nível internacional, a estação televisiva tem correspondentes em diversos pontos do mundo como em Espanha, Londres, Brasil, EUA, Bruxelas, Paris, Ucrânia (devido à atual situação hostil).

2. Ensinar a pescar em vez de dar o peixe

Conseguir um estágio é, infelizmente, cada vez mais complicado, não só porque há pouca oferta e muita procura, mas também porque é preciso mobilizar trabalhadores que estejam dispostos a perder tempo a ensinar e a deixar as suas tarefas de lado. Quando um estagiário curricular entra na RTP, não estará, à partida, creditado com a carteira profissional de jornalista e, portanto, não vai publicar, em momento algum, qualquer trabalho feito durante o estágio até porque, como me disse uma vez o editor de desporto João Pedro Mendonça: “Deixar estagiários meter peças no ar é acabar com a profissão. Se um estagiário pode publicar, para quê pagar a um profissional?”.

O estágio na RTP é sobretudo um estágio de observação. Durante o período de estágio, o estagiário adota a postura de “um jornalista a sério” e passa duas semanas em cada editoria. Isto permite que o estagiário tenha contacto com vários assuntos das mais diferentes áreas. Quando algo acontece, acompanha um jornalista e um repórter de imagem até ao local e observa quem já está na profissão: vê como se fazem as perguntas, os ângulos e o que se filma, mas, antes de chegar ao local, discute o ângulo de abordagem com o jornalista e o repórter de imagem no carro. Apesar de parecer um momento sem importância, é no carro que se faz grande parte do trabalho. É aqui que surge a simbiose jornalista-repórter de imagem: o jornalista mete o repórter de imagem a par do que se passa, as ideias que tem, onde precisa de ir, e o repórter de imagem, que no caso da RTP é uma geração mais envelhecida, com a sua experiência, aconselha, discute e reflete com o jornalista. Um sem o outro não funcionam.

Depois de acompanhar todo o processo, desde a recolha de informação na redação, a viagem no carro e a recolha no local, volta-se à redação para rever tudo e prepara a peça. Nesta fase, o estagiário já assume um papel ativo e tem de fazer a mesma peça, mas de maneira diferente, que o jornalista que acompanhou vai fazer. O estagiário revê os brutos² para ver as imagens que tem e quais os momentos das entrevistas que quer aproveitar. Posto isto, é hora de escrever a peça mediante o tempo que o editor exige, como se a peça fosse entrar no telejornal. Neste momento, o estagiário sente uma pressão desmedida, pois começa a sentir na pele aquilo que os jornalistas sentem todos os dias: a pressão de lutar contra o tempo. Muitas das vezes, há acontecimentos que ocorrem uma ou duas horas antes do telejornal e o jornalista tem de arranjar a melhor estratégia para não deixar a história fugir.

Depois de o estagiário ter a peça escrita, mostra ao editor para que ele possa corrigir erros gramaticais e/ou de conteúdo. Só depois do editor aprovar o texto é que o estagiário passa para a edição. Como a zona de edição é dos sectores mais pequenos na RTP, a prioridade é sempre para os jornalistas. Porém, há editorias (como desporto, por exemplo,) que editam as peças sozinhos (isto quando não são trabalhos muito complexos).

Na editoria de desporto o estagiário aprende a editar e edita as suas próprias peças; nas restantes editorias o estagiário escolhe um editor que esteja livre e edita com ele. Durante este momento, o estagiário tem de ler o texto que escreveu de maneira pausada, com boa pronúncia e sem cantar³. Posto isto, o editor de imagem, em concordância com o estagiário, começa a cortar as partes da entrevista e a pintar com as imagens que o mesmo escolheu. Findo este processo, que por vezes é demorado, o estagiário mostra a peça final ao editor que dá o seu veredicto se a peça estaria em conformidade para entrar, ou não, no Telejornal. Se sim fica o sabor a vitória e o sentimento de missão cumprida, se não é preciso refazer. Como não se pode pôr no ar as peças que os estagiários fazem, elas são arquivadas no sistema e o estagiário pode ficar com uma cópia para portefólio.

Durante o estágio, há a possibilidade de se observar a execução do Telejornal, por exemplo, do início ao fim: a execução das peças jornalísticas, o carregamento das mesmas no sistema, a coordenadora do telejornal a alterar a ordem, o pivot a alterar o texto que

² Denomina-se brutos todo o material recolhido no local da reportagem e que não tem nenhum tratamento jornalístico

³ Entenda-se cantar no jornalismo como a oscilação do tom de voz durante a gravação do texto da peça.

vai ler no teleponto, os operadores de câmara a preparar o cenário, a régie a preparar os grafismos e, finalmente, o Telejornal.

O estágio permite ao aluno ter um primeiro contacto mais realista com o mundo que o espera caso decida, realmente, enveredar pela via do jornalismo. É durante o estágio que se vê que, apesar da teoria importar, a prática exige muito mais do que aquilo que se aprende nas aulas, exige perspicácia, resiliência e uma capacidade de adaptação ao que nos rodeia, características que são fundamentais durante os diretos, por exemplo.

Os diretos são dos maiores momentos de pressão: um jornalista, no meio de um acontecimento, rodeado de pessoas, barulho e outros tantos fatores que não controla, a processar a informação na sua cabeça, a olhar para uma câmara que estará prestes a transmitir para milhões de pessoas, sabendo que se errar num ínfimo pormenor, por mais ínfimo que seja, pode virar alvo de chacota. É durante o estágio que o estagiário ganha, também, mais empatia pelos profissionais da área, pois é no estágio que se vê todos os perigos a que os jornalistas estão sujeitos, que não é uma profissão perfeita e também se erra.

3. O Telejornal

Cada estação televisiva tem os seus critérios editoriais e a sua própria marca quando se fala em fazer jornalismo. Há características que são universais a todos os órgãos de comunicação social, como a imparcialidade, o rigor e a verdade, mas há, também, aspetos que são aplicados individualmente. Uma das obrigações da RTP, por exemplo, é a nível político: por ser uma televisão estatal tem a obrigação de “dar voz” a todos os partidos políticos e que tenham presença na Assembleia da República.

Falar do *Telejornal* da RTP 1 é falar sobre um dos momentos, senão o momento, mais importante do dia-a-dia. É saber que se vai pôr no ar o programa com mais telespectadores, em horário-nobre, onde tem de se condensar toda a informação mais importante a nível nacional e/ou internacional em cinquenta e cinco minutos líquidos⁴ sabendo que, muitas vezes, há peças que podem não ter espaço por falta de tempo de emissão. E este problema é uma das grandes frustrações jornalísticas: fazer uma peça jornalística sobre um determinado assunto, que até pode ser importante, mas que por

⁴ Entenda-se por minutos líquidos o tempo total do *Telejornal* sem qualquer interrupção publicitária

diversos fatores que vão além do poder que as estações televisivas detêm, a peça “ter de cair” no alinhamento e ser emitida, se possível, ou noutro dia, ou em outro canal (isto no caso da RTP ter várias emissoras).

Recuando um pouco na história da RTP, é preciso elencar aqui alguns momentos para se perceber como é que o *Telejornal* evoluiu e ganhou tanta importância. Em primeiro, com o surgimento do direto (entre 1959-1974): começou-se a acompanhar e a transmitir grandes eventos desportivos, religiosos e políticos. Na altura, ainda no regime salazarista, a informação televisiva surgia como porta-voz de Portugal, noticiando apenas aquilo que o Estado estipulava. O segundo momento foi no pós-25 de abril, onde já vigorava a democracia. Foi a partir desta fase que começaram a proliferar os avanços tecnológicos neste setor e se começou a estipular diferenças editoriais entre a RTP 1 e RTP 2. O terceiro momento foi com o aparecimento das estações televisivas privadas, por volta da década de 90, e com a extinção da taxa de televisão que se pagava.

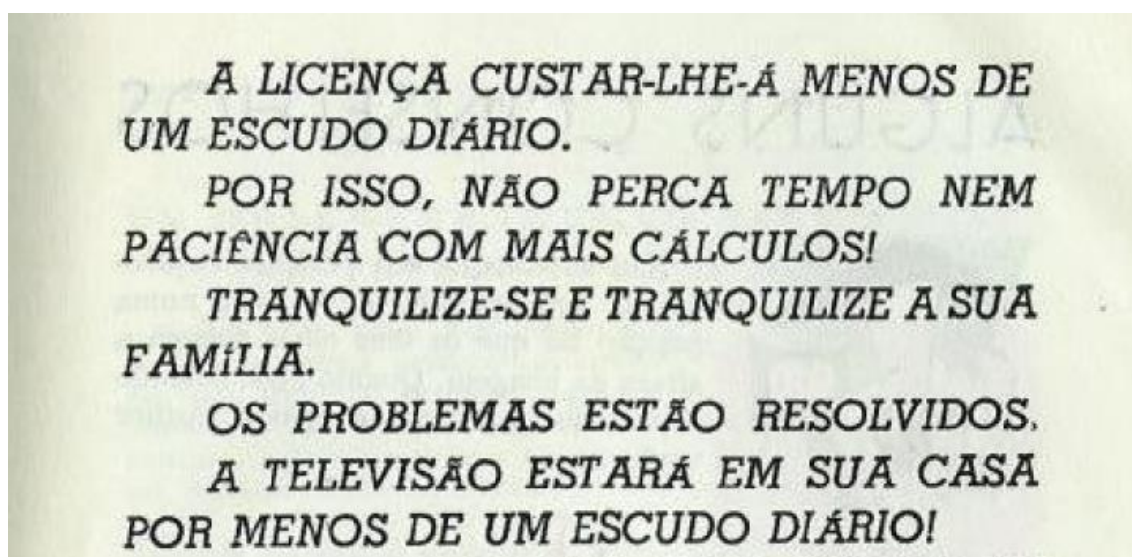


Figura 3 – Taxa televisiva. Fonte: Folheto RTP 1990

Nessa década, começou a aparecer uma concorrência mais forte e direta com a criação do telejornal nos canais privados, um momento onde foi preciso pensar em estratégias editoriais e visuais para conseguir acompanhar o ritmo do setor privado, problema que vigora ainda nos dias de hoje. Silveira, J. F. e Shoemaker, P. (2010: p.59) *Apud* Leitão, A. R., já havia dito que as mudanças na estação televisiva em questão

“vão, nitidamente, no sentido de uma aproximação às soluções dos canais privados, ou seja, há uma aposta clara em cenários mais amplos (...). Grafismos sofisticados e

cada vez mais complexos caracterizam os genéricos. A proliferação de *teasers* (pequenos filmes promocionais de notícias em destaque que têm o objetivo de “prender” a atenção dos espectadores) ao longo do Telejornal torna-se numa constante (...). Finalmente, com a integração da redação no cenário (...), o *Telejornal* passa a estar embutido no ambiente da respetiva redação. (Silveira, J. F. e Shoemaker, P.:2010 p. 59).

Atualmente, estas mudanças ainda vigoram. Os estúdios estão cheios de luz e écrans, com cenários amplos e a redação como plano de fundo. Os gráficos, as imagens e as infografias são cada vez mais melhoradas para conseguir “agarrar” os telespectadores e conseguir, assim, acompanhar o ritmo das estações televisivas privadas.

PARTE II

Capítulo 2 – *Jornalismo: o jornalismo desportivo*

1. Jornalismo: A especialização em desporto

Quando se fala em jornalismo, não há uma definição exata: “É absurdo pensar que podemos responder à pergunta o que é o jornalismo” (Traquina:2002, p.9). Num primeiro pensamento associa-se o escrever sobre um acontecimento do dia ou a alguém que está em frente a uma câmara a contar o que se passou em determinado sítio num determinado momento. A verdade é mais complexa do que esta simples analogia. Quando se fala em escrever/fazer jornalismo, obriga-nos a formatar o pensamento e adotar uma postura onde é preciso “revisitar uma série de teorias, estilos, formas discursivas e gramáticas adaptadas pelos vários media” (Lopes: 2010). De forma simples, Paula Cristina Lopes, professora na Universidade Autónoma de Lisboa, define o jornalismo como:

“um processo de transmissão de informação através dos media, ancorado em valores como a atualidade, a novidade, a periodicidade, a difusão/receção coletiva e o interesse (público e do público)”.

Para se ser jornalista, é preciso assumir um filtro e uma postura que nos faça “desligar” quem somos na vida civil e “ligar” quem somos a nível profissional. Nelson Traquina, em 2002, já havia dito que para se ser jornalista “(...) implica crença numa constelação de valores, a começar pela liberdade”. A liberdade é o princípio mais fundamental do jornalismo. Se houver censura, o trabalho do jornalista é posto de lado e, portanto, não faz sentido exercer uma profissão cujo trabalho acaba por não ter qualquer leitor.

O jornalista estabelece um pacto com a realidade e separa-se completamente da ficção (Traquina: 2020, p. 10). Deve-se produzir notícias de interesse público, para um determinado público, não descartando valores como a imparcialidade, o rigor, e esforçando-se para que nenhuma crença pessoal interfira no processo jornalístico. Só assim é que se consegue assegurar o processo e fazer bom jornalismo, um jornalismo capaz de corresponder às necessidades dos cidadãos e em serviço da democracia.

O jornalismo faz-se com fontes, como seria expectável, e o jornalista é um profissional constantemente exposto ao risco de ser enganado pelas fontes, ou até mesmo por deixar escapar algum pormenor que mais tarde se possa vir a revelar fundamental. Com a expansão e utilização generalizada da internet, o jornalista tem de lidar cada vez mais com inputs, o que realça a importância de os jornalistas estarem sempre atentos à informação que os rodeia. Contudo, com grandes poderes vêm grandes responsabilidades.

No universo mediático, quando um órgão de comunicação social falha, ou não informa com total veracidade e transparência, aos olhos do público a credibilidade em relação a todos os órgãos de comunicação social fica afetada. Os leitores, grande parte deles, não possuem uma elevada literacia mediática⁵, o que faz com que o jornalista tenha uma responsabilidade acrescida e tenha certezas do que escreve/diz, uma vez que estes leitores, na presença de *fake news*, não conseguem decifrar o que é uma notícia produzida com regras e ética feita por profissionais, de uma notícia falsa feita por alguém que não é profissional ou tem o intuito de espalhar falsa informação.

O jornalismo faz-se para os cidadãos. Faz-se sempre a pensar que toda a gente pode e deve ler a nossa notícia, portanto aqui acresce outra responsabilidade ao jornalista: escrever de forma simples, de modo que a todas as pessoas percebam a totalidade da notícia, mas não demasiado coloquial ao ponto de a linguagem ser simplória. Como seria de esperar, devido à evolução da tecnologia e das mentalidades, o público-alvo tornou-se mais exigente e surgiu a necessidade de haver uma especialização em determinados assuntos. Nas redações houve uma adaptação para corresponder a estas necessidades e começou-se a apostar em jornalistas especializados em política, economia e, como seria de esperar, jornalistas dedicados a falar exclusivamente de desporto. Berganza Conde defende que:

“a especialização jornalística é fruto, em grande medida, das exigências da audiência, cada vez mais diversificadas e que exige conteúdos específicos – dependendo dos seus interesses – sejam explorados de forma aprofundada e com rigor” (Conde: 2005, 35)

⁵ Entenda-se por este conceito a capacidade de um indivíduo ler e interpretar a informação produzida por um órgão de comunicação social da forma correta e sem indução a dúvidas.

Fernandéz Moral e Esteve Ramírez vão ao encontro da autora citada ao complementar que:

“A especialização jornalística advém de uma dupla exigência: 1) do próprio público, cada vez mais sectorizado e/ou, 2) como uma necessidade dos próprios meios para alcançar uma maior qualidade informativa e uma maior profundidade dos conteúdos para os quais se volta” (Moral e Ramirez: 1996 cit in Tavares: 2009, 122)

Porém, a especialização em jornalismo desportivo é uma especialização que ainda sofre vários julgamentos. Nas redações de canais televisivos generalistas, notícias de carácter desportivo têm menos espaço que as restantes editoriais e, se num alinhamento, for preciso passar uma peça para o fim é desporto que sai sacrificado.

“Não deixa de ser paradoxal que uma área que suscita tanto interesse, e que reúne um indiscutível interesse do público, como o jornalismo desportivo (...) tenha alguma dificuldade em entrar na academia, como se estivéssemos perante um jornalismo menor” (Lopes & Pereira: 2006, p.8)

Mas, afinal de contas, por que é o jornalismo desportivo o mais sacrificado? Pelo facto de a editoria de desporto usar uma linguagem mais coloquial e abordar assuntos que são cíclicos há uma certa desvalorização que se refere a esta área como mais fácil. De acordo com Borelli (2002), o desporto só ganha tanto reconhecimento “porque passa por procedimentos técnicos, teóricos e por uma grande conversação empreendida no quotidiano”.

2. Futebol: O substituto da caça

“A bola sai disparada” ... Não é por acaso que existe uma semelhança no vocabulário usado durante a narração de um jogo de futebol e a caça. Para Morris (1981), o desenvolvimento do desporto não se pode desassociar da evolução humana. Mas, afinal de contas, que quer isto dizer? É preciso recuar séculos para se entender o porquê do desporto e do futebol, mais concretamente, ter tanto impacto social.

É um facto que os nossos antepassados viveram, há muitos séculos, através da recolha de alimentos oriundos da natureza, mas também da caça. À época estas atividades não eram de lazer como é hoje o desporto, mas sim “uma questão de sobrevivência”. A evolução humana não só afetou o nível físico, tornando os seres humanos mais constituídos e complexos, como afetou também o nível psicológico permitindo a capacidade de “planear estratégias, conceber táticas, correr riscos e montar armadilhas” (Morris: 1981, p.10). Tal e qual como no futebol: as equipas planeiam uma estratégia, correm riscos e montam armadilhas para apanharem os adversários...

O autor em questão, no seu livro *A tribo do Futebol*, refere que, depois de muitos séculos de caça e de sobrevivência através da recolção, o Homem chegou à conclusão que seria mais fácil e produtivo criar e domesticar animais de forma a ter sempre alimento disponível. Porém, esta evolução e o estilo de vida mais sedentário deixaram de lado a azáfama da caça, atividade que acabou por ser eternizada como atividade desportiva e/ou lazer com a intenção de manter vivo o “desafio da presa (...), dos perigos e do clímax da morte” (Morris: 1981, p.10-11). Como é que o futebol entra nesta história? Se os jogadores forem os caçadores, a bola é a arma e o adversário é a presa. Mais à frente vamos perceber o porquê de o futebol ser o desporto rei, mas um dos motivos que se pode já enunciar é o facto de haver a componente física e o perigo: “o futebol é o único que envolve desenvoltura física, contacto, uma presa, pontaria e perseguição” (Morris: 1981, p. 15-17).

Desmond Morris (1981) explica que, com o passar dos anos e com a mudança de mentalidades, se foi deixando a crueldade animal de lado e com isso restou, de outras tantas coisas, as arenas. Esta questão das arenas viria, mais tarde, a servir de base para um novo conceito que ainda hoje é usado e será, certamente: os estádios. Com o fim da

crueldade animal, os espectadores ficaram sem entretenimento e foi precisamente o futebol que colmatou esse vazio (Morris: 1981, p.11).

Um outro autor, Christos Kassimeris (2010: p. 36-37), menciona um outro momento que também pode ter estado na origem do futebol. Na China, durante a época Neolítica, havia uma atividade chamada *cuju*, cujo seu significado era literalmente “chutar a bola” e era praticado em ambientes militares para melhorar a condição física dos soldados. Claro está que nunca se saberá, ao certo, a real origem do futebol, pois todos os países podem ter contribuído para a criação do futebol como o conhecemos hoje. Embora não haja certezas sobre a origem do futebol, é sabido que o futebol e o desporto foram praticados durante anos de maneira informal e por puro lazer.

A afluência de atividades com bolas deu lugar à proliferação de desportos como o futebol gaélico na Irlanda em 1884, na Austrália o futebol australiano, nos EUA o futebol americano, entre muitos outros. Na maior parte dos países optou-se por utilizar uma bola com um formato mais obtuso enquanto no futebol como o conhecemos hoje se optou por um modelo esférico (Morris: 1981, p.12-14). O primeiro passo estava dado, uma bola circular, agora era vez de adotar algumas regras básicas. Em 1858, o clube inglês *Sheffield Football Club* formalizou as primeiras regras do futebol, algumas que vigoram ainda hoje como quando uma equipa mete em jogo a bola os adversários têm de dar algum espaço de manobra.

Nos anos 70 do Séc. XIX, quando o desporto já tinha ganho mais notoriedade, começou-se a ver esta atividade como um motor económico e cobrou-se os primeiros bilhetes para se assistir aos jogos de futebol. Dantas et *al.* (2009) já havia dito que, depois da década de 70, o futebol deixou de ser apenas uma atividade de lazer e transformou-se numa grande oportunidade de negócio. Santos e Greuel (2010) foram ao encontro destes autores ao concordar que as modificações na sociedade promoveram o desporto e o mesmo passou a ser explorado de forma a gerar lucro. O futebol tem mais notoriedade que os outros desportos devido ao crescente sistema de receitas que lhe está associado (Dantas et *al.*: 2009). Nos anos 80 desse mesmo século o futebol já se estava a expandir para a Europa e no final do século já estávamos perante um fenómeno de massas: começou-se a criar clubes locais e regionais, organizavam-se torneios locais e, mais tarde, competições internacionais.

Um dos grandes *booms* do futebol terá sido relacionado com a criação da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) no ano de 1904, momento que foi presenciado por diversas organizações futebolísticas de toda a parte do mundo (Kassimeris: 2010, p.40-45). Mais à frente, num outro capítulo, irá ser abordado a introdução do futebol nos media, mas interessa por agora referir que, por volta dos anos 50, um jornalista francês do *L'Equipe*⁶ inspirou à criação de uma competição para ser disputada durante a semana. Em 1955, foram convidadas 18 equipas na altura pertencentes à UEFA (União das Federações Europeias de Futebol). No ano seguinte, já só foram convidados os vencedores dos campeonatos com o objetivo de reunir os melhores dos melhores. Estaríamos aqui numa predisposição daquilo que acontece ainda hoje e é tema desta dissertação: os mundiais de futebol.

3. Futebol: Uma forma de identificação e pertença na sociedade

Apesar de não ser o desporto que mais se pratica em todos os países, o futebol é um desporto que regista um crescimento e uma adesão constante. Está presente em todas as casas, em todas as famílias e consegue ir ainda mais longe: quando um bebé nasce é, desde cedo, influenciado a escolher um clube com base no clubismo dos pais, isto mostra o quão enraizado e aculturado o futebol está. Morris (1981: p.14) já havia dito que era o “fenómeno desportivo do século XX” e a realidade é que continua a ser o fenómeno do século XXI.

Desmond Morris (1981: 8), no decorrer da sua obra, usa com frequência o termo “tribo” para explicar que o futebol está organizado em tribos, tal como acontecia há milhares de anos. Ora, se pegarmos nesta ideia e aplicarmos aos dias de hoje chegamos à conclusão que ainda acontece: um indivíduo escolhe um clube e, automaticamente, fica fidelizado juntamente com outros indivíduos que fizeram a mesma escolha, gerando ali um sentimento de pertença, ambição e conforto, e todos os outros indivíduos que não tenham feito a mesma escolha são considerados inimigos dentro da “arena”. Tal e qual como acontecia na caça: há a presa e o predador. O futebol torna-se assim uma característica essencial para uma boa integração social e é graças a este sentimento de pertença e integração que este desporto é considerado o “desporto rei”: mobiliza milhares de

⁶ Jornal francês de desporto

pessoas, dos mais diversos pontos do mundo, a um estádio para apoiar a equipa com a qual se identifica.

Como referido previamente, Morris (1981) ao classificar a organização do futebol como uma tribo remete o leitor para uma ideia de comunidade pautada por ideias, objetivos, rivalidades e valores comuns, o que acaba por ser um pouco paradoxal se pensarmos no facto de que os adeptos de um clube, certamente, não se conhecerão todos e fora da “arena” podem ser pessoas com ideais completamente diferentes. Fugindo um pouco àquilo que é o assunto principal desta dissertação, creio que é pertinente dar a conhecer a visão de Benedict Anderson (1996: 6) sobre as comunidades. O historiador no seu livro *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a propagação do nacionalismo*⁷ aborda o conceito de “comunidade imaginada” e define-o como:

“imaginada porque os membros da mais pequena nação nunca vão saber quem são os seus companheiros, nunca os conhecerão, nem sequer ouvirão falar deles, no entanto na mente de cada um vive a imagem da comunhão”⁸
(Anderson: 1996, p.6).

Quer-se com isto dizer que é difícil acreditar, quase impossível diria, que todos os adeptos de um clube, por mais pequeno que o clube seja, se conheçam entre si. No entanto, acompanham-se uns aos outros, de forma idêntica, para apoiar a equipa, quase como se fosse um ritual. Será esta característica que faz do futebol o desporto rei? Desmond Morris (1981) defende que o futebol tem tanta adesão porque é socialmente aceitável que se canalize a “pulsão agressiva interna” numa partida de futebol: “é socialmente permitido gritar, insultar e praguejar num desafio de futebol” (Morris: 1981, p.19-20). Quando a equipa que um indivíduo apoia vence, há um crescente sentimento de “posição social” (Morris: 1981, p.19-20).

Através de um clube, as pessoas podem sentir que pertencem à comunidade: “Não se pode negar a importância psicológica de pertença, o poder de seguir algo, as bandeiras e os cânticos têm numa visão de integração e unidade social” (Morris: 1981, p.22-24). Tenha

⁷ Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism

⁸ Tradução livre de “imagined because the members of the smallest nation will never know who their fellows are, never meet them, never even hear of them, yet in each one's mind lives the image of communion”

que ver com este sentimento de pertença, ou não, a verdade é que o futebol ganha muitos adeptos e/ou seguidores e firma a sua posição na sociedade, uma vez que acaba por ser um indispensável espaço social, portanto quando se fala de um clube fala-se de muito mais que futebol, fala-se em futebol como espaço de socialização.

4. O futebol no jornalismo

O futebol é um dos desportos, senão o desporto, com maior impacto mundial e a relação com os media é indissociável. É uma simbiose quase perfeita: o futebol é uma atividade bastante atrativa e pode ocupar um grande espaço na programação de um canal, por outro lado, a detenção dos direitos de transmissão de um jogo leva os media a incentivar os telespectadores a ver o canal continuamente (Aguilar e Prochnik: 2010, p.53-56). Porém, antes de se abordar mais a fundo sobre o futebol no jornalismo, recuemos um pouco para se perceber como é que este desporto proliferou no mercado da comunicação. Se o jornalismo nasceu, primeiramente através da imprensa escrita, para relatar e dar a conhecer os acontecimentos e informações do quotidiano, o futebol não entrava neste filtro uma vez que era uma atividade exercida apenas por elites.

Foi em Inglaterra, no século XIX que o desporto passou também a fazer parte da classe operária⁹, o que acabou por levar a novas ideologias e formas de ver e pensar a prática desportiva que vigorava à época. Se o futebol era visto como uma atividade de lazer e puramente amadora para a classe burguesa, para a classe operária passava a ser vista como uma possibilidade de ter rendimentos económicos e prestígio social através da sua prática e competitividade, algo que ia de encontro ao capitalismo emergente. Assim sendo, passou-se a “bajular” o desporto para que fosse uma atividade atrativa para os meios de comunicação e para o público (Marivoet: 2002, p.16-28). A verdade é que o futebol realmente ganhou destaque e, a pouco e pouco, começaram a aparecer as primeiras publicações desportivas:

“(…) em 1854, publica-se em França o *Le Sport*; dois anos depois, em 1856, surge em Espanha a revista *El Cazador*;

⁹ Entenda-se por classe operária uma classe com menos recursos e com menos possibilidade de ter acesso aos mesmos recursos que a classe burguesa tinha.

e em Inglaterra obtém grande sucesso o diário desportivo *Sportsman*. Os próprios jornais generalistas de referência criam colunas desportivas, como sucedeu com o diário norte-americano *New York Journal*, o francês *Le Fígaro* e o inglês *Times*” (Pinheiro: 2005, p.171).

Para Lash e Lury (2007: 43-44) o futebol tornou-se quase como um meio de comunicação, “um espaço tridimensional de quase-comunicação em massa”. Os autores consideram que o desporto, em concreto o futebol, ganhou tanta autonomia porque foi pensado para ser visto no estádio, mas também porque permitia a presença na programação dos media. Mas, afinal de contas, pode o futebol ser mesmo um meio de comunicação? Se formos ao encontro de um autor estudado na área das ciências da comunicação, Denis McQuail (1994: 1-2) considera que os meios de comunicação de massas têm uma função contributiva na construção da realidade, ou seja, devem transmitir a informação e, consequentemente, interpretá-la. João Nuno Coelho, sociólogo, acaba por ir ao encontro de McQuail ao afirmar e concordar que o futebol é “um fenómeno social central na sociedade portuguesa” (Coelho: 2001, p.21). Assim sendo, pode-se considerar o futebol como meio de comunicação de massas, uma vez que cumpre a função contributiva de construção da realidade através de “identidades que são construídas no discurso” (Coelho: 2001, p.30).

Em Portugal, só mais tarde, 30 anos depois, é que começaram a surgir os primeiros vestígios da presença do desporto nos meios de comunicação social. A primeira secção desportiva apareceu em 1892 no *Diário Ilustrado*, um jornal da época. Um ano mais tarde, surgiu o primeiro jornal português dedicado a desporto: *O Velocipedista*¹⁰ (Pinheiro: 2005, p.172). Este aumento generalizado do número de publicações de desporto pela Europa havia introduzido um novo cenário que teve início no final do séc. XIX. O jornalismo e o desporto tornaram-se um binómio e transformou esta aliança num negócio lucrativo, rentável, que tinha uma grande abrangência e que, mais tarde, abria portas para que a publicidade se infiltrasse.

Como conta Francisco Pinheiro em *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, no séc. XX, o jornalismo voltou a modificar-se. Surgiram novos desportos a ser alvo de

¹⁰ Apresentava-se como uma revista quinzenal que inicialmente se dedicava ao ciclismo, em concreto ao *Club Velocipedista do Porto*

notícia, como o automobilismo, e surgiram novos jornais desportivos de referência como o jornal *A Bola* (1945), o *Record* (1949) e *O Jogo* (1985) (Pinheiro: 2010). A nível intelectual a evolução estava cada vez mais avançada e o jornalista já começava a ser visto como um especialista em desporto. Porém, no mesmo século, a intelectualidade viria a aliar-se ao progresso tecnológico. Através da rádio e da televisão, os amantes de futebol passaram a estar cada vez mais ligados ao desporto e contavam com transmissões em direto, reportagens e relatos (Pinheiro: 2010).

Nesta difusão de informação sem antecedentes, que se fortaleceu através da rádio e da televisão, o desporto seguia a apresentar-se como a oportunidade a agarrar pelos novos órgãos de comunicação social. A diferença agora era a intensidade da conexão entre os média e o desporto. Passou a haver uma atenção mais forte quando se percebeu que o desporto era uma fonte de rendimento muito lucrativa e que atraía não só publicitários, mas também muitos leitores. Segundo David Rowe (1999), os meios de comunicação tornaram-se o “motor económico e cultural do desporto porque fornecem a maior parte do capital que, por sua vez, cria e dissemina as imagens e as informações que geram mais capital”. O futebol ganhou tanto destaque a nível mediático porque é o desporto com o qual existe uma maior identificação a nível mundial. Toda a gente assiste, sabe o que é e como funciona a dinâmica mais básica do futebol. Embora por um lado, o consumidor tenha agora acesso quase completo a tudo o que o rodeia, por outro, os canais de comunicação ficam com a desafiante tarefa de chegar a um público maior e certificar-se de que estão satisfeitos com a informação que recebem. A linguagem tornou-se adequada às necessidades de um determinado público, e a profundidade com que a informação foi trabalhada aumentou.

O grande *boom* do desporto, nomeadamente do futebol, foi com a manifestação dos canais televisivos generalistas e exclusivamente desportivos. No início, a Rádio e Televisão de Portugal (RTP) detinha toda a informação desportiva. Mais tarde, com o aparecimento das estações televisivas privadas como a SIC (1992) e a TVI (1993) começou a surgir a disputa pelos direitos de transmissão desportivos. Porém, apesar destas três estações televisivas adotarem o desporto como tema prioritário, foi a Sport TV, em 1998, que deu o passo para ser o primeiro canal exclusivamente desportivo (Pinheiro: 2010, 386-391).

Com o surgimento de canais meramente dedicados à informação desportiva surge uma nuance: como manter o interesse público e monetizar este segmento sendo que é um público-alvo menor? A realidade é que com o surgimento deste tipo de canais a esfera

pública ficou mais limitada no acesso a esse tipo de conteúdos (Maguire: 2004, p.14-15). O mercado sofreu também os impactos do *boom* do futebol. Em 2006, um jornalista, já havia dito que o “desporto não é sinónimo de futebol. (...) O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol” (Coelho: 2006, p.35).

A importância do futebol, em Portugal, pode ser percebida através da quantidade de órgãos de comunicação social associados meramente ao futebol se comparados, por exemplo, a outras editorias. Na imprensa nacional há, ligados ao futebol, oito jornais desportivos: *A Bola*, *Record*, *O Jogo*, *Desportivo Guimarães*, *O Benfica*, *Jornal Sporting*, *Dragões* e o *Jornal Desportivo*. A quantidade de publicações ligadas ao futebol denota a importância que lhe é atribuída, bem como a presença no quotidiano.

5. Os mundiais de futebol: o pote de ouro da FIFA

Adorada por todos os amantes de futebol e conhecida até mesmo por aqueles que não assistem a esta modalidade desportiva, o Mundial é uma competição internacional que acontece de quatro em quatro anos. Não há registos exatos do primeiro campeonato mundial da FIFA, mas a entidade considera e reconhece que a primeira tentativa terá ocorrido em 1930, no Uruguai, sob o mandato de Jules Rimet, na altura presidente da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA). Atualmente, esta competição dura cerca de um mês e conta com a presença de trinta e duas equipas, mas o atual presidente da federação, Gianni Infantino, já revelou que no mundial de 2026 haverá 48 equipas a disputar o título de campeão mundial.

Campeonato Mundial, Copa do Mundo, ou apenas Mundial, é o evento desportivo é o mais assistido e prestigiado em todo o mundo e a principal fonte de rendimento da FIFA. Contudo, apesar de os Jogos Olímpicos terem um valor simbólico superior, as competições já não se cingem apenas a um histórico, mas também à vertente financeira uma vez que os mundiais atraem mais público e atingem um leque maior de transmissões televisivas. A juntar a isto, o futebol tem uma vantagem em relação aos Jogos Olímpicos: é o desporto mais conhecido, com mais praticantes e que arrasta a maior quantidade de adeptos. A FIFA não deixou de reconhecer estas qualidades e centrou a sua atenção na criação de um evento futebolístico muito rentável: os mundiais (Cruz: 2005). Para além de serem uma oportunidade muito lucrativa, uma vez que o país que sedia a competição



Figura 4 - EUA x Irão em 1998. Foto: AFP/ Pascal George

melhora as suas instalações, infraestruturas, atrai investidores e publicitários, é também uma oportunidade de transmitir os valores pelos quais o país se rege. Valores como a paz, o respeito pelos direitos humanos, a diversidade cultural, entre muitos outros aspetos. Sedar um Mundial é a oportunidade para estreitar ou reestabelecer laços diplomáticos entre países como aconteceu em 1998, no Mundial em França, onde os Estados Unidos da América defrontaram, e perderam, frente ao Irão. Este jogo foi denominado de “jogo da paz” depois de ter servido para assinalar um novo período amigável entre os dois países¹¹.

Sedar a copa do mundo não é só sinónimo de atrair investimento e aplicá-lo, se bem que a FIFA aplica várias estratégias para fazer crescer os ganhos. Cruz (2005), entre as várias estratégias que a federação de futebol aplica, destaca: o aumento progressivo do número de competidores e a rotatividade dos países que sediam a competição mundial, o que permite a proliferação da FIFA e do futebol noutros mercados (sejam eles novos ou menos explorados). A grande vantagem, para além da proliferação do futebol nos mercados mundiais, é a oportunidade para criar relações com empresas e marcas de renome mundial como a Nike, Coca-Cola, Samsung, entre muitas outras, o que acaba por gerar milhões de euros em publicidade e a globalização do desporto (Cruz: 2005). Para Paula Dias

¹¹ EUA e o Irão mantinham, até à data, uma relação hostil derivada da Revolução Islâmica de 1979.

(2006: p.14) um evento desportivo conta com um alto nível de repercussão social e traduz uma forte presença dos meios de comunicação social, o que acaba por gerar benefícios económicos.

Ao encontro desta autora, Duarte (2009) categoriza os eventos em cinco tipos: micro evento, pequeno evento, médio evento, grande evento e mega evento, que é o mais relevante nesta revisão de literatura e dissertação. O mega evento exige uma grande intervenção preparativa que pode levar anos e envolve várias vertentes desde a mobilização política à social e cultural do país que está na mira para sediar o mundial, neste caso (Duarte: 2009). Este autor assevera que um mega evento só o é quando é realizado a nível internacional e o mesmo se reflete no mundo, obrigando, por vezes, à criação de infraestruturas específicas para o efeito o que acaba, eventualmente, por deixar marcas na sociedade (Duarte: 2009). Um exemplo disso foi o mais recente Mundial do Catar (2022). Foi criado um estádio milionário para a receção dos jogos de futebol e, à semelhança de outras competições mundiais, os adeptos ergueram as bandeiras do seu país nas casas, nos carros:

“o público torna-se totalmente abrangente em termos sociais e culturais, o motivo geográfico acaba por não ter expressão, o que nos permite falar num público global do ponto de vista mediático” (Duarte: 2009, p.9)

Ora, apesar de se chamar “mundial de futebol”, desde há muito que se pode chamar de “mundial capitalista”: se, inicialmente, surgiram pelo desporto e serviam para estreitar laços diplomáticos entre países (como já foi suprarreferido), atualmente é tido mais em conta o lucro que pode advir do país que sedia a competição mundial. Horne e Manzenreiter (2006: 3-9) afirmam que as competições modernas de larga-escala estão alinhadas com a lógica capitalista. Whitson e Horne (2006: 73-87) *apud* Silva L. S. (2012) já haviam dito que:

“a atração dos mega eventos têm três causas: o desenvolvimento das tecnologias de comunicação em massa, que permitem a obtenção de um maior lucro com estes acontecimentos; a aliança entre o desporto e o negócio, que veio a transformar o desporto profissional no grande movimentador de fundos que é hoje em dia; por fim,

a oportunidade de promover países, cidades ou regiões, através da representação de uma equipa local” (Whitson e Horne: 2006 p.73-87).

PARTE III

Capítulo 3 – *Investigação e Metodologia*

1. Delimitação e objetivos do estudo

Terminada a parte teórica deste relatório, é o momento de expor os procedimentos imprescindíveis do estudo de caso, bem como as perguntas/hipóteses a que se pretende responder.

Em primeiro, selecionou-se um *corpus*, o Mundial do Catar no *Telejornal* da RTP 1, que, como era de prever, se tornou o assunto em destaque durante o horário nobre, uma vez que se estava na presença da maior competição de futebol a nível mundial. Antes de prosseguirmos, entenda-se por horário nobre a(s) hora(s) em que os meios de comunicação social registam maior audiência. Neste caso, a transmissão do *Telejornal* acontece durante o horário nobre e tem uma duração de 55 minutos líquidos (no caso da RTP 1).

A definição da margem temporal para a análise de conteúdo resultou durante o decorrer do Mundial e a sua presença no *telejornal* da RTP 1. Assim sendo, analisaram-se todas as peças jornalísticas entre os dias 18 de novembro e 20 de dezembro de 2022 que tiveram destaque no *Telejornal*. No dia 18 de novembro, a cerimónia de abertura da competição de futebol teve tanto destaque mediático que abriu o *Telejornal* desse mesmo dia. A última vez que o Mundial teve lugar no *Telejornal* foi dia 20 de dezembro, onde se assinalou o encerramento e o vencedor da competição.



Figura 5- Notícia de abertura do Telejornal (20/11/2022)

É importante referir que durante o Mundial do Catar a RTP criou um programa dedicado a acompanhar a competição na RTP 3. Porém, por questões de prazos a cumprir e para a análise de conteúdo ser o mais fiel possível, este estudo de caso teve unicamente como foco o Mundial do Catar no *Telejornal* da RTP 1.

Doravante, interessa listar um conjunto de perguntas de partida/hipóteses que se procurou responder. Eis as hipóteses:

- Por se tratar da maior competição de futebol a nível mundial terá este assunto mais destaque que todos os outros acontecimentos?
- Depois de serem levantadas polémicas sobre o Catar e a FIFA, terão as questões/causas sociais, económicas e políticas espaço mediático, ou o único foco será o futebol?
- Os jornalistas enviados tiveram, alguma vez, constrangimentos no acesso à informação e/ou liberdade de expressão?
- A cobertura deste Mundial de futebol foi diferente do anterior? Se sim, em que aspetos?

A metodologia utilizada para responder às questões suprarreferidas foi a análise de conteúdo às peças jornalísticas presentes no telejornal da RTP 1, complementada através da análise dos alinhamentos, que por questões laborais e de confidencialidade não podem estar anexadas a nesta dissertação. Realizaram-se também entrevistas aos enviados do Catar e a um jornalista enviado para o Mundial da Rússia em 2018, que serviram para complementar, também, a análise dos dados recolhidos.

2. Análise de Conteúdo

Durante a análise de conteúdo foi-se preenchendo parâmetros numa tabela de forma a catalogar/caracterizar as peças visualizadas. Teve-se em atenção o género jornalístico (se a peça se trata de uma notícia, uma reportagem ou um *off*, por exemplo), a pertinência (neste caso, se abriu ou fechou o Telejornal), o tipo de peça (se é uma peça de economia, sociedade, política ou desporto, por exemplo), a duração em minutos e segundos (peças com menos de 1'45'', peças entre 1'45''- 2'45'' e peças com duração superior a 2'45'') e, por fim, mas não menos importante, as fontes consultadas/entrevistadas (agrupadas por categorias como jogadores, treinadores, ministros, etc....).

Durante a investigação contabilizou-se um total de 153 peças. O critério de seleção centrou-se na escolha de peças que estivessem relacionadas com o Mundial do Catar e foram recolhidas através da visualização dos conteúdos jornalísticos. Para analisar os dados recolhidos, tabelamos a informação numa tabela de word de acordo com “categorias unívocas de análise”, ou seja, categorias “fundamentadas teoricamente e justificadas” para aplacar a ambiguidade na interpretação (Cunha: 2012, p.83). O objetivo da análise de conteúdo é responder às perguntas de partida e estabelecer uma conclusão.

<i>Dia</i>	<i>Formato de Peça e Sequência</i>	<i>Tipo de peça + Duração (minutos)</i>	<i>Abriu ou fechou o TJ?</i>	<i>Fontes/</i>
19/11/22	A. Lourenço Notícia Direto (João Miguel Nunes) Notícia (lançadas pelo direto) Notícia Notícia Ana Lourenço Notícia	Política – A ida de A. Costa ao Catar (<1'45'') Desporto – Portugal no Catar Desporto – Polémica Ronaldo e ambiente na seleção. Desporto – Declarações Carlos Queiroz sobre Ronaldo e United. Sociedade – Polémica sobre as mortes na construção do estádio. Desporto – Declarações do Presidente da FIFA (>2'45'')	Sim /Não	Ministros Deputados Jogadores Treinadores Jogadores Organizações Trabalhadores FIFA
20/11/22	Ana Lourenço Notícia Notícia Direto (Manuel Fernandes Silva) Notícia (lançadas pelo direto) Notícia Ana Lourenço Comentador RTP (...peças...) Ana Lourenço Peça Comentadores (JS e MM)	Desporto – Cerimónia de abertura do Mundial (1'45'' – 2'45'') Desporto – Chegada de adeptos a Doha e primeiro dia do mundial (1'45'' – 2'45'') Desporto - Resumo do jogo Catar x Equador (<1'45'') Desporto – Polémica do Ronaldo (<1'45'') Comentador – Fala sobre o jogo Sociedade – Adeptos LGBT no Catar (>2'45'') Comentadores – Falam sobre a presença e Marcelo, Santos Silva e Costa no Catar. António Tadeia João Soares Miguel Maduro	Sim/ Não	FIFA Adeptos Jogadores Organizações Ativista

Figura 6- Tabela de Word

Capítulo 4 – Análise e discussão dos resultados

1. O Mundial do Catar no *Telejornal da RTP 1*

A cobertura de um Mundial de futebol é uma cobertura diferente da rotineira. Enquanto no dia-a-dia a planificação e a mobilização de jornalistas é feita consoante os acontecimentos, na cobertura de um evento de carácter mundial obriga à obediência de uma planificação mais estruturada: como abordar o assunto, como o difundir, quem é que o vai fazer, como o vão fazer, a gestão orçamental, muitos aspetos são tidos em conta. Desde logo, na redação, a editoria de desporto foi reforçada. Jornalistas de outras editorias ficaram, temporariamente, afetos a tratar unicamente assuntos desportivos, uma vez que a editoria de desporto da RTP 1 é das mais pequenas.

Dias antes do Mundial começar muitas notícias saíram, nos mais diversos meios de comunicação social, sobre polémicas em que o Catar estava envolvido, desde exploração laboral ao não-respeito pelos direitos LGBT. Eis alguns exemplos:

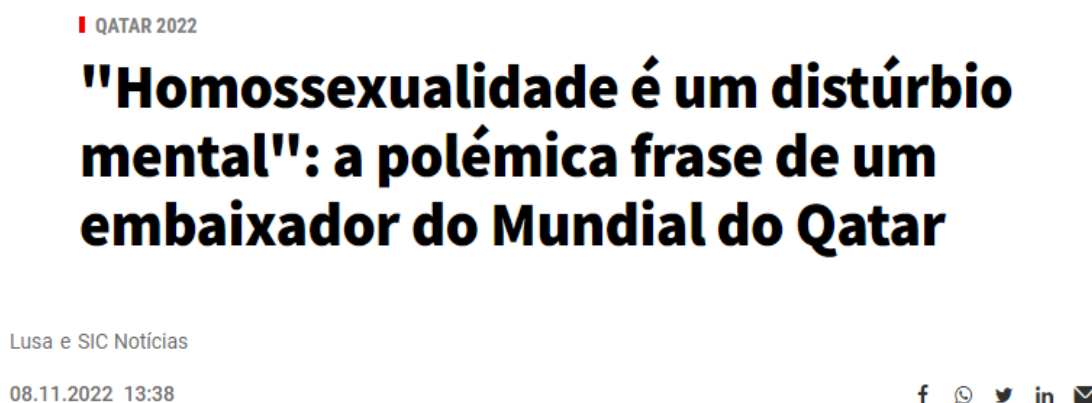


Figura 7- Manchete de uma notícia da SIC Notícias do dia 08/11/2022

Corrupção, escravidão, poluição: retrato do Catar, o país do Mundial mais polêmico da história



COMPROMISSO O presidente da FIFA, Gianni Infantino (à esq.), cumprimenta o emir Tamim al-Thani do Catar, no Centro de Convenções e Exposições de Doha, em abril, durante o sorteio do Mundial de Futebol Francois-Xavier Marit/Afp/Getty Images

Figura 8- Manchete de uma notícia do jornal Expresso do dia 18/11/2022

Como o país que recebia a maior competição mundial estava na mira dos órgãos de comunicação social, a expectativa era que aquando do começo do Mundial esses assuntos continuassem na ordem do dia. Porém, das 153 peças tidas em conta nesta análise, apenas 13 tiveram que ver com assuntos e/ou causas sociais, políticas e económicas. Destas 153 peças, os diretos estão excluídos da contagem por não o ser possível catalogar quanto à editoria a que diz respeito.

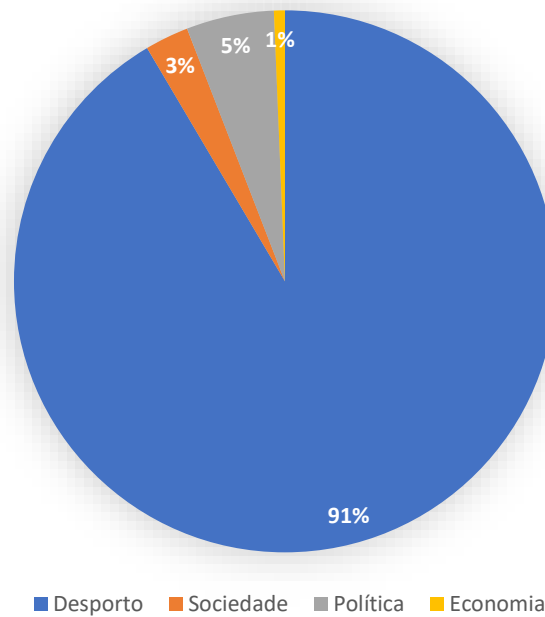


Gráfico 1-Tipologia das Peças de Desporto no Telejornal da RTP 1

Num total de 153 peças contabilizadas, 140 (91%) dizem respeito a notícias desportivas onde está incluído tudo aquilo que se relacionasse com futebol e estivesse ligado ao Mundial do Catar (importante referir que deste assunto se excluiu a polémica de Ronaldo sobre a entrevista acerca do Manchester United); 8 (5%) dizem respeito a notícias sobre política onde se inserem, por exemplo, as idas de membros do governo ao Catar; 4 (3%) dizem respeito a peças atribuídas à editoria de sociedade onde se inserem as peças jornalísticas que abordaram os direitos LGBTQ e as mortes durante a construção dos estádios; por fim, mas não menos importante, 1 (1%) dizem respeito à única peça de economia feita durante o Mundial e aborda os trabalhadores consulares sem seguros e as condições no trabalho no país árabe. Com estes resultados foi possível constatar que a atenção jornalística da RTP 1, pelo menos, mudou quando começou a competição mundial incidindo-se, maioritariamente, no âmbito desportivo.

De acordo com os enviados para o Catar, os números apresentados são normais uma vez que a justificação dada foi que a estratégia da RTP 1 era abordar logo de início as questões mais sensíveis e polémicas para, posteriormente, dar a merecida atenção ao futebol visto que a competição mundial era sobre isso mesmo, futebol. Das peças contabilizadas, o assunto do Catar nem sempre foi a prioridade no horário nobre (*Prime time*) da RTP 1.

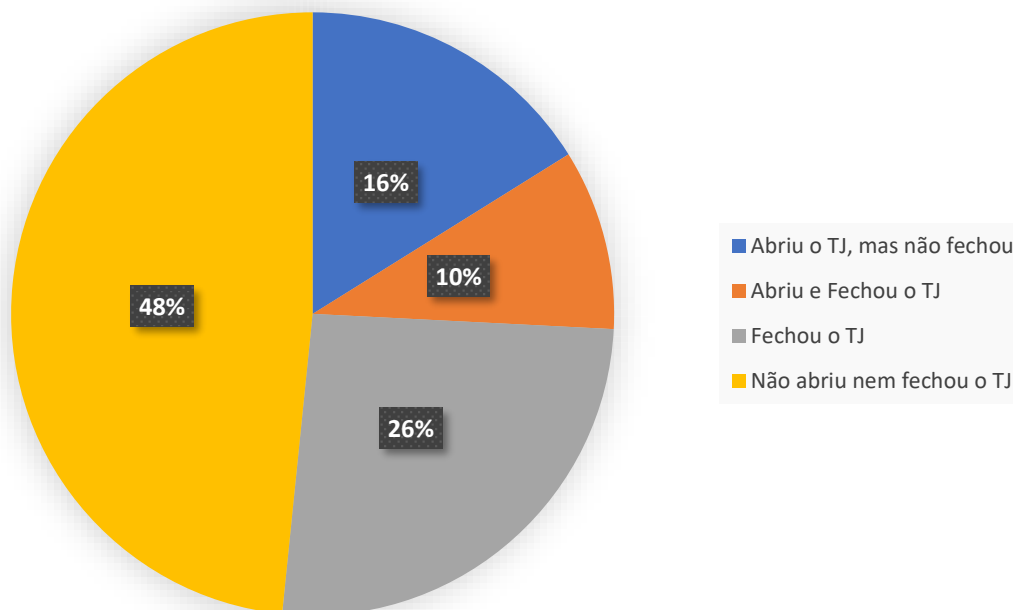


Gráfico 2 - Proeminência no Telejornal da RTP 1

Apesar de ser, como já foi referido muitas vezes, a maior competição de futebol de todo o mundo, este assunto nem sempre foi a prioridade. Em 48% das vezes, os assuntos do Catar não abriram, nem fecharam, a emissão do Telejornal. As únicas vezes em que peças jornalísticas relacionadas com o Mundial abriram e fecharam a emissão, das três vezes (10%) que isso aconteceu, duas estiveram relacionadas com a vitória da seleção portuguesa, com o apuramento para os oitavos-de-final e com o facto de a Argentina ser campeã do mundo. O Telejornal encerrou oito vezes (26%) com assuntos relacionados com a competição, mas grande parte das vezes em formato de *off* sobre resultados de jogos que decorriam ao longo da emissão.

Estes dados mostram que mesmo na presença de um grande evento desportivo, a equipa de coordenação do Telejornal da RTP 1 aplicou critérios de noticiabilidade diferentes.

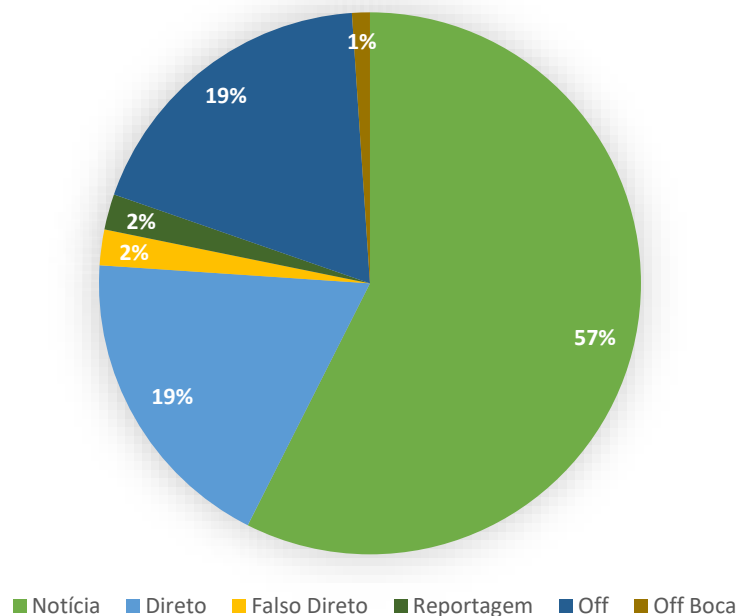


Gráfico 3 - Tipo de peça sobre Desporto presente no Telejornal da RTP 1

Como seria expectável, a maior parte do conteúdo jornalístico girou em torno da notícia. Como é sabido, as redações em Portugal são cada vez mais reduzidas, pois o jornalismo é cada vez mais, infelizmente, uma profissão mal paga e, portanto, o pouco tempo que há é usado para mobilizar os jornalistas em busca da rentabilidade e tal só se consegue através da produção de conteúdos. Das 153 peças contabilizadas, 108 (57%) são notícias; 35 (19%) são *offs* – utilizado para informar o resultado de jogos que ainda decorriam aquando da emissão do Telejornal e não dava tempo para fazer uma peça –, ou quando um jogo não tinha relevância suficiente para resultar numa notícia; 4 (2%) são falsos diretos, usados para, por exemplo, mostrar ao telespectador a reação dos adeptos num determinado local (como quando a Ana Romeu, correspondente da RTP 1 em Espanha, fez um falso direto a mostrar a reação dos portugueses à goleada frente à Suíça); 4 (2%) são reportagens, caracterizadas por terem maior duração que uma notícia e poderem adotar uma linguagem menos rígida.

Nesta contabilização, o número de diretos feitos, 35 (19%) ficou de fora da contagem por não ser possível catalogar a que editoria diz respeito, uma vez que os diretos foram, na sua maioria, intercalados com o pivot e serviam para lançar a notícia seguinte. Os diretos todos os dias serviam para mostrar ao telespectador que a RTP estava em Doha a

acompanhar a competição e para gerar um sentimento de proximidade ao ir mostrando o dia-a-dia da competição.

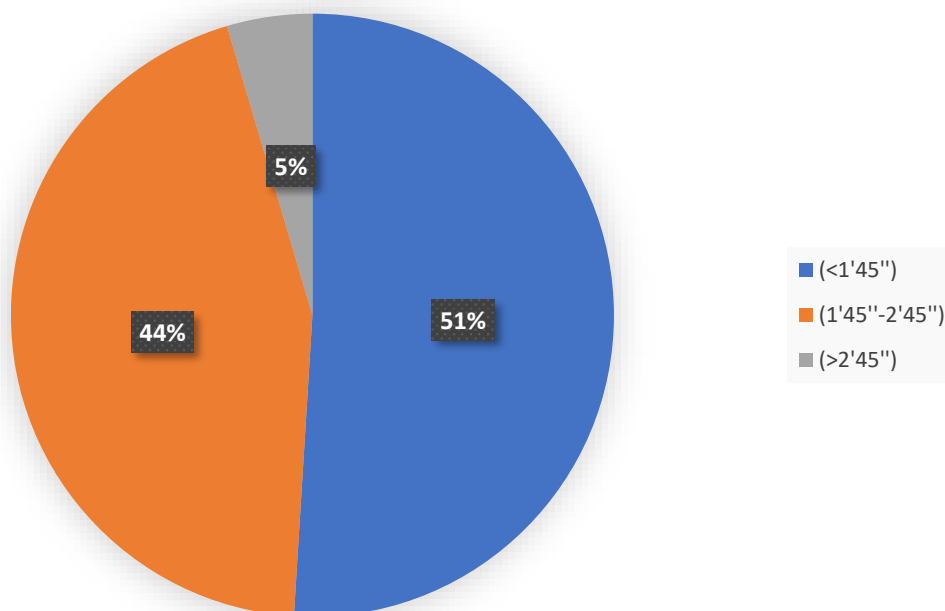


Gráfico 4 - Duração das peças do Telejornal da RTP 1 em minutos e segundos

Durante a cobertura do Mundial do Catar, o espaço no Telejornal da RTP 1 teria de ser muito bem estruturado, bem como o tempo à sua disposição, uma vez que há mais acontecimentos enquanto a competição decorre e, portanto, é preciso saber gerir o tempo. A recolha de dados permitiu concluir que a maior parte das peças jornalísticas (51%), que marcaram presença em horário nobre da estação televisiva, teve duração inferior a um minuto e quarenta e cinco segundos (das 153 peças contabilizadas, 78 tiveram duração inferior a 1'45''). Este resultado não é chocante, uma vez que cada minuto em televisão vale muito dinheiro (e conta muito) e a generalidade das peças gira em torno desta duração, logo o Mundial não fugiu à regra.

No resto, 68 peças (44%) tiveram uma duração compreendida entre um minuto e quarenta e cinco segundos e dois minutos e quarenta e cinco segundos, o que também não é surpreendente, uma vez que esta margem temporal está associada, também, à duração normal de uma peça quando se trata de assuntos mais complexos e que exijam, também, mais fontes consultadas (por exemplo, peças onde se mostra vários jogadores a darem a

opinião sobre um determinado lance). Por fim, mas não menos importante, 7 peças (5%) tiveram duração superior a dois minutos e quarenta e cinco segundos. A esta duração estão associadas peças em formato de reportagem e não estão muito presentes no dia-a-dia de uma estação televisiva, uma vez que são peças que exigem mais tempo, podem ter, ou não, mais fontes, têm um ângulo jornalístico diferente de uma notícia e uma linguagem mais elaborada.

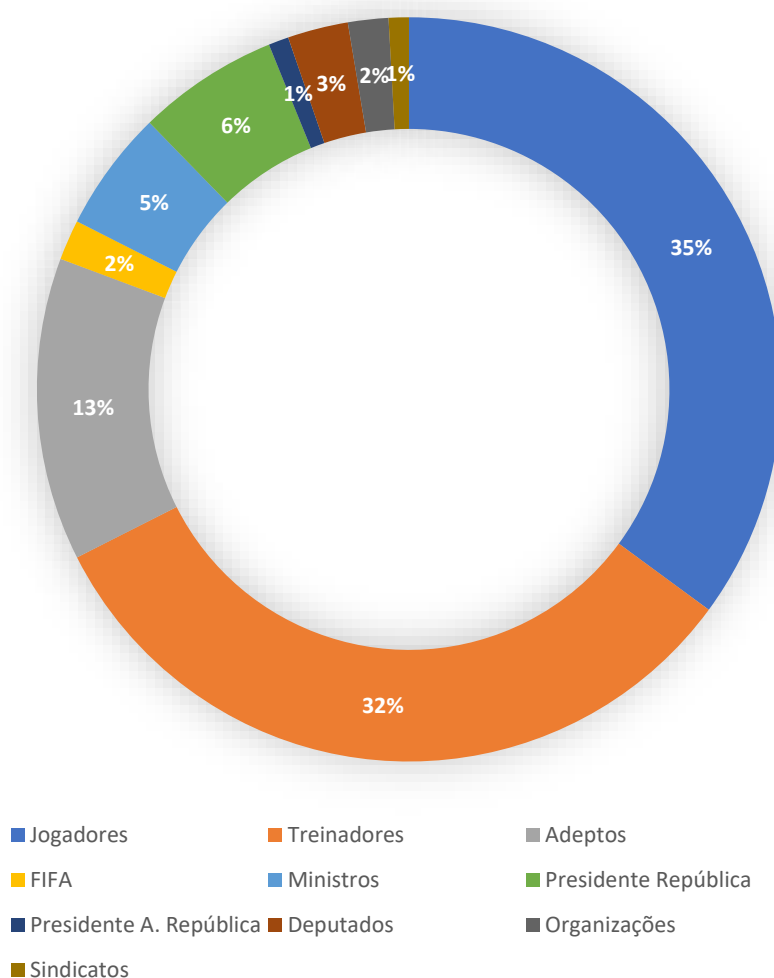


Gráfico 5 - Fontes consultadas durante a cobertura do Mundial do Catar no Telejornal da RTP 1

As fontes são fundamentais no jornalismo. Sem fontes, não há notícia. Durante a cobertura do Mundial do Catar, a expectativa, à semelhança da cobertura de outras competições, era de que muitas vezes as fontes iriam girar em torno dos jogadores, treinadores e adeptos. E assim foi. Das 153 peças analisadas, em 40 (35%) estiveram

testemunhos de jogadores e nesta categoria inclui-se conferências de imprensa, *flash interviews*, e todas as declarações em que o entrevistado foi identificado como jogador. Outras 37 (32%) peças contaram com testemunhos de treinadores.

Um resultado surpreendente é o número de vezes em que houve declarações de adeptos, 15 vezes no total (13%). Tal valor deve-se, segundo a minha interpretação, ao facto de grande parte das peças relacionadas com o Mundial do Catar serem resumos dos jogos e não ser possível recolher e/ou incluir a visão dos adeptos face ao jogo disputado. Os enviados do Catar não acharam este dado surpreendente. A justificação dada pelos mesmos foi que, apesar de os adeptos terem a sua importância, o interesse público é ouvir as declarações dos especialistas do futebol (jogadores e treinadores).

Outro resultado inesperado foi a quantidade de vezes que membros do Governo (5%), e nisto incluía-se o Presidente da República (6%) e deputados (3%), surgiram como fontes (14% no total, mais vezes que adeptos). Segundo a minha análise, estes dados derivam do facto de haver polémicas a nível político sobre a ida de membros do Governo português ao Catar, país que esteve na mira dos meios de comunicação social devido às polémicas já referidas¹²

¹² Polémicas descritas no Capítulo 4, segundo parágrafo

2. “O Mundial em que o negócio está acima dos direitos humanos”

O título deste subcapítulo indica-nos, precisamente, uma das conclusões a que chegamos e que já foi, também, sustentada pela parte empírica deste relatório de estágio.



Figura 9- Manchete de uma notícia do jornal Diário de Notícias

Os países que sediam o mundial têm sido escolhidos pela sua capacidade financeira em suportar os gastos que uma competição deste tipo acarreta. Como já foi abordado ao longo da parte prática do relatório, percebe-se que o futebol realmente “abafa tudo” como referiu o entrevistado Gonçalo Ventura. As polémicas envoltas no Mundial do Catar tiveram o seu destaque mediático, mas somente nos três primeiros dias do campeonato do mundo, tanto no Mundial de 2018, como no Mundial do Catar, abordado neste relatório e como se pode constatar nas imagens que se seguem.



Figura 11- Assunto polémico no Telejornal do dia 19 de novembro de 2022



Figura 10- Assunto polémico no Telejornal do dia 20 de novembro de 2022



Figura 12- Assunto polémico no Telejornal do dia 19 de novembro de 2022

Apesar de os dois enviados para o Catar, na entrevista, defenderem que o tempo de antena que as polémicas tiveram foi suficiente, a realidade é que desde o último mundial não se mudou o método de abordagem a esse tipo de questão, uma vez que Gonçalo Ventura quando foi questionado sobre o mesmo assunto disse:

“Primeiro muita polémica, muito protesto, muitas vozes se fizeram levantar e ouvir relativamente a essas questões e quando a bola começou a rolar abafou tudo, o futebol abafa tudo.” (Entrevista com Gonçalo Ventura, Jornalista da RTP, Anexo III)

Aqui chega-se, de facto, à conclusão que ao campeonato do mundo de futebol importa, em primeira instância, o dinheiro que a competição possa gerar, quase não importando os meios para atingir o fim pretendido. Ora, em 2018, a competição seria sediada num país não-democrático, que não respeita os direitos humanos e onde se sabe que pessoas da comunidade LGBT já tiveram de fugir do país para não serem presas e/ou, no pior dos cenários, assassinadas. Esses dados constam, segundo o entrevistado, nas informações da Amnistia Internacional. O mesmo se pode dizer do Catar, país onde o mundial foi sediado em 2022. Um país igualmente não-democrático, onde não há respeito pelos direitos humanos, onde a comunidade LGBT não tem espaço, e onde a construção dos estádios custou mais de “200 mil milhões de euros” e “6750 vidas perdidas” (Almeida: 2022).

Esta contextualização, um pouco desviada do tema do relatório (*A cobertura do Mundial do Catar no Telejornal da RTP 1*), serve para perceber que a estação televisiva se posicionou de forma a liquidar estes assuntos antes do começo do mundial para que, quando a competição começasse, se pudesse debruçar as atenções no futebol. A RTP não abordou essas questões ao longo do tempo pelo facto de terem sido abordadas dias antes de o Mundial começar e, portanto, como todos os assuntos, este também perdeu a seu valor notícia. Como explica Gonçalo Ventura: “As polémicas foram sendo abordadas massivamente nos primeiros dias, antes de aquilo começar e depois abrandou, não é... porque depois a bola abafa tudo (...) o pessoal quer é ver futebol” (Entrevista com Gonçalo Ventura, Jornalista da RTP, Anexo III).

CONCLUSÃO

A cobertura do Mundial do Catar no *Telejornal* da RTP 1 foi o ponto de partida para o desenrolar deste relatório de estágio. O objetivo era perceber como é que uma competição a nível mundial teria espaço em horário-nobre e quais as principais características da sua cobertura mediática.

Como concluímos nos capítulos anteriores, é incontestável que o futebol é um assunto importantíssimo não só pela sua capacidade de atrair públicos, mas também nos media, uma vez que estes funcionam em simbiose. De acordo com David Rowe (1999), os meios de comunicação social tornaram-se o “motor económico e cultural do desporto porque (...) cria e dissemina as imagens e as informações que geram mais capital”.

Os Mundiais de futebol são eventos de grande amplitude e atraem não só pessoas de todo o mundo para acompanhar a competição mais perto, como também atrai investidores e órgãos de comunicação social de todo o mundo, mas servem, sobretudo, para dar a conhecer a cultura e promover um país. Como abordado na parte teórica deste relatório, a competição mundial de futebol pode ser considerada um megaevento:

“a atração dos mega eventos têm três causas: o desenvolvimento das tecnologias de comunicação em massa, que permitem a obtenção de um maior lucro com estes acontecimentos; a aliança entre o desporto e o negócio, que veio a transformar o desporto profissional no grande movimentador de fundos que é hoje em dia; por fim, a oportunidade de promover países, cidades ou regiões, através da representação de uma equipa local” (Whitson e Horne: 2006 p.73-87).

O desporto, neste caso o futebol, aliou-se aos meios de comunicação social precisamente pela lógica capitalista de encarar o desporto como uma atividade que poderia vir a ser, e é, bastante lucrativa. Na necessidade de corresponder aos desejos dos telespectadores e/ou público, os meios de comunicação social compram os direitos de transmissão televisiva dos jogos de futebol em retorno de milhares de euros, uma simbiose perfeita.

Porém, com a ascensão do futebol nos media, os telespectadores tornaram-se mais requintados e exigentes o que acabou por levar à necessidade de especializar jornalistas na área desportiva, como referido anteriormente:

“A especialização jornalística advém de uma dupla exigência: 1) do próprio público, cada vez mais sectorizado e/ou, 2) como uma necessidade dos próprios meios para alcançar uma maior qualidade informativa e uma maior profundidade dos conteúdos para os quais se volta” (Moral e Ramirez: 1996 cit in Tavares: 2009, 122)

Outra conclusão à qual chegámos durante o estudo de caso, e que também vai de encontro ao que foi abordado no capítulo teórico, é que existe um certo nacionalismo e/ou sentimento de identificação na cobertura dos jogos de futebol, neste caso do Mundial do Catar. Quando havia jogos da seleção portuguesa no campeonato do mundo havia, também, mais destaque para Portugal até o mesmo ser eliminado. Isto deve-se, como já foi explicado, ao valor-notícia notoriedade, mas também existe um certo sentimento de identificação. Quando a seleção portuguesa venciam faziam-se mais peças jornalísticas sobre o acontecimento gerando um sentimento de “posição social” (Morris: 1981, p.19-20). O mesmo não aconteceu, como constatámos no capítulo prático, quando fomos eliminados.

Uma das perguntas de partida para a execução deste relatório foi se os assuntos relacionados com o Mundial do Catar teriam mais destaque mediático que todos os restantes assuntos. A resposta é não. Apesar de esta competição ter a importância que tem, de ser um meio para difundir os valores da paz e até ter servido para o Irão voltar a estabelecer relações diplomáticas com os EUA, como consta na parte teórica, os assuntos relacionados com o Catar na grande parte das vezes não foram notícia de abertura ou encerramento do *Telejornal* da RTP 1. A estação televisiva em questão continuou, através dos seus critérios editoriais, a dar o devido destaque aos restantes assuntos se assim entendesse a sua importância.

Interessa também elencar outra das perguntas de partida: depois de serem levantadas polémicas sobre o Catar e a FIFA, terão estes assuntos destaque mediático ou o único foco será o futebol? Os assuntos polémicos tiveram, de facto, cobertura mediática, mas só durante um curtíssimo espaço de tempo, sobretudo antes de o campeonato do mundo

começar. Como disse o entrevistado Gonçalo Ventura: “O futebol abafa tudo” e é bem verdade. Há duas justificações que foram dadas durante o estudo de caso: primeiro, todos os assuntos perdem o seu valor conforme vai passando o tempo, pois nenhuma notícia tem o mesmo valor passados alguns dias; segundo, como disse o entrevistado João Domingos: “É um mundial de futebol”, não é o mundial da polémica.

Os assuntos mais sensíveis, como as mortes durante a construção dos estádios e a falta de aceitação da comunidade LGBT, por exemplo, foram realmente abordados logo de início porque foi assim que a equipa enviada definiu a ordem de trabalhos.

Outra conclusão a que chegámos, e que não era muito expectável que assim fosse, é que os jornalistas enviados da RTP 1 não sentiram/sofreram qualquer tentativa de restrição na liberdade de informação. Isto acaba por ser paradoxal se tivermos em conta que a FIFA ameaçou penalizar os jogadores que usassem a braçadeira de capitão com cores representativas da comunidade LGBT: “No terreno não fomos confrontados com esse tipo de situações, muito pelo contrário, pode-se dizer que eles fizeram uma maquilhagem durante aquele mês, mas a verdade é que a fizeram bem, tanto que nós não fomos confrontados com esse tipo de situações”. (Entrevista João Domingos, Anexo I)

Em tom conclusivo, o Mundial do Catar foi um mundial polémico, assim como foi o da Rússia em 2018, mas a realidade é que a FIFA e o dinheiro andam de mãos dadas. A escolha de quem vai sediar a copa do mundo já não é realmente para dar a conhecer a tradição de um país nem para reatar relações diplomáticas, como antigamente, mas sim pelos “zeros à direita” que eles podem apresentar num cheque (bastante) valioso.

A cobertura do Mundial do Catar no Telejornal da RTP 1, título deste relatório, procurou contribuir em vários pontos. Em primeiro, servir de base para estudos futuros sobre o futebol e o campeonato do mundo nos meios de comunicação social e a sua importância, pois há muito pouco material científico sobre esses assuntos relacionados com competições mundiais de futebol. Chega até a ser paradoxal o futebol ser algo tão assistido e não haver muita informação científica sobre a importância do futebol no jornalismo. Em segundo, dar a conhecer a importância histórica dos mundiais de forma a perceber o porquê de existir tanto alarido à volta da mesma. Em terceiro, perceber como é que a Rádio e Televisão de Portugal se posiciona, encara e prepara a cobertura de uma competição de futebol de larga escala e importância, perceber quais são os aspetos tidos

em conta contribuindo, através de todos estes pontos elencados, para a existência de uma maior quantidade de informação na área do jornalismo e das ciências da comunicação.

Importa referir, também, que este estudo de caso teve algumas limitações. Um dos entrevistados que estava inicialmente planeado não atendeu ao pedido de entrevista; devido à limitação do tempo, o estudo de caso não foi o mais profundo possível e, por fim, foi usada análise de conteúdo. Isto acaba por ser uma limitação devido a um dos pontos negativos da análise de conteúdo: as conclusões estão sujeitas a múltiplas interpretações, não dá para chegar a uma única conclusão através do visionamento de peças televisivas.

Porém, através deste estudo esperamos, como já havia dito Kitzinger (1997/2002: 43) *apud* Leitão, A. R. M. (2005), “que contribua para o debate sobre como as coisas podem ser feitas de modo diferente: com mais conhecimento, de forma mais completa”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, I. (2022, November 20). O Mundial em que o negócio está acima dos direitos humanos. *DN*. <https://www.dn.pt/desporto/o-mundial-em-que-o-negocio-esta-acima-dos-direitos-humanos-15368718.html>
- Aguiar, Leonel e Prochnik, Luisa (2010). *Quanto vale uma partida de futebol? A relação entre televisão e futebol no cenário midiático contemporâneo*. Comunicação e Esporte: Vol. 17, N°02.
- Anabela de Sousa Lopes, Cláudia Marisa Vasconcelos Silvestre, & Maria José Mata. (2020). “O que é jornalismo?” - Perceções de estudantes de jornalismo no século XXI. *Media & Jornalismo*, 20(37), 205–220. https://doi.org/10.14195/2183-5462_37_11
- Anderson, Benedict (1996). *Imagined Communities*. London.
- A história da RTP até 1990*. (n.d.). RTP Ensina. Retrieved March 7, 2023, from <https://ensina.rtp.pt/artigo/a-historia-da-rtp/>
- Borelli, V. (2002). *O Esporte Como Uma Construção Específica No Campo Jornalístico*. Intercom –Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.
- Blumer, Herbert (1978). *A massa, o público e a opinião pública*, In Cohn, Gabriel (org.), *Comunicação e Indústria Cultural*. S. Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Coelho, João Nuno (2001). *Portugal, a Equipa de Todos Nós – Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto: Edições Afrontamento.
- Conde, B. (2005). *Periodismo Especializado*. Ediciones Internacionales Universitarias.
- Copa do Mundo FIFA*. (2023, February 6). Wikipédia. Retrieved February 10, 2023, from https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA
- Cunha, I. F. (2012). *Análise dos Media*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cruz, António (2005). *A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. Rio de Janeiro: Universidade

- Da Silva Dantas, M. G., Silva, J., Steppan, A. I. B., & De Oliveira, R. M. A. (2009). O comportamento do preço das ações de clubes de futebol mediante a variação de aspectos contábeis: o estudo de caso do Juventus F.C. - Itália. *REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL - Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte - ISSN 2176-9036*. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/19125>
- Dias, Paula (2006). *Os grandes eventos desportivos: análise das vertentes políticas, económicas, sociais e organizacionais*. [Monografia de Licenciatura em Desporto]. Universidade do Porto.
- Duarte, João (2009). *Organização e Gestão de eventos. Métodos e técnicas e a sua aplicação na atividade das empresas de eventos*. [Monografia de Licenciatura em Ciências da Comunicação]. Universidade Fernando Pessoa.
- Fernandes, M. F. M. (2011). *A dicotomia do jornalismo desportivo em Portugal: Futebol versus modalidades* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação]. Universidade do Porto.
- Ferreira, R. (2020). *Jornalismo desportivo: A predominância do futebol em comparação com as restantes modalidades* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação]. Universidade do Minho.
- Folheto RTP 1956. (n.d.). RTP - Rádio E Televisão De Portugal. Retrieved March 7, 2023, from <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/folheto-rtp-1956/>
- Horne, John e Manzenreiter, Wolfram (2006). *Sports Mega-Events: Social Scientific Analyses of a Global Phenomenon*. United Kingdom: Blackwell Publishing.
- Kassimeris, Christos (2010). *Football Comes Home: Symbolic Identities in European Football*. United Kingdom: Lexington Books.
- Kitzinger, J. e Reilly, J. (1997/2002). *Ascensão e Queda de Notícias de Risco*. Coimbra: Minerva Coimbra.
- Lash, Scott e Lury, Celia (2007). *Global Culture Industry*. United Kingdom: Polity Press.
- Latas, R. (2017). *A hegemonia do futebol no jornalismo desportivo. Estudo de caso: A Bola TV*. Escola Superior De Comunicação Social.
- Leitão, A. R. M. (2015). *O surto de Legionella de 2014 no Telejornal da RTP* [Relatório de Estágio de Mestrado]. Universidade NOVA de Lisboa.
- Lopes, F. & Pereira, S. (2006). *A TV do futebol*. Porto: Campo das Letras.

- Lopes, P. (2010). *Jornalismo e linguagem jornalística: Revisão conceptual de base bibliográfica*. Universidade Da Beira Interior, 1646–3137. <https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/198/1/jornalismo%20e%20linguagem%20jornalistica.pdf>
- Maguire, J. (2004) *Pontos e questões-chave do complexo desporto-media globais*. Media & Jornalismo, (4), pp. 7-26.
- Marivoet, S., Bittencourt, M., Melo, V. A. & Tonini, M. D. (2015). *O que é o futebol?*. Lisboa: Escolar Editora.
- McQuail, Denis (1994). *Mass Communication Theory: An Introduction*. London: Sage Publications.
- Meditsch, E. (1997). O jornalismo é uma forma de conhecimento? Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>
- Morris, Desmond (1981). *A Tribo do Futebol*. Londres: Publicações Europa-América.
- Pinheiro, F. (2005) *Imprensa desportiva portuguesa: do nascimento à consolidação (1893-1945)*. Ler História, (49), pp. 171-190.
- Pinheiro, F. (2010). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rowe, D. (2004) *Sport, Culture and the Media*. 2ª ed. Berkshire: Cultural and Media Studies.
- Santos, Ananias e Greuel, Marcos (2010). *A análise da gestão financeira e económica dos clubes brasileiros de futebol: uma aplicação das componentes principais*.
- Silveira, J. F., Shoemaker, P. (org.) (2010). *Telejornais em Exame*. Lisboa: Colibri.
- Tavares, F. (2009) *O jornalismo especializado e a especialização periodística*. Estudos em Comunicação, (5), pp. 115-133.
- Traquina, N. (2001). *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. Vale do Rio dos Sinos
- Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera.
- Whistson, David e Horne, John (2006). *Underestimated costs and overestimated benefits? Comparing the outcomes of sports mega-events in Canada and Japan*. Horne, John e Manzenreiter, Wolfram (2006). *Sports Mega-events: Social Scientific Analyses of a Global Phenomenon*. United Kingdom: Blackwell Publishing.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS

Figura 1 - Zonas abrangidas em território nacional em 1958.....	13
Figura 2 - Rádio vs. Televisão.....	14
Figura 3 – Taxa televisiva. Fonte: Folheto RTP 1990.....	18
Figura 4 - EUA x Irão em 1998. Foto: AFP/ Pascal George	31
Figura 5- Notícia de abertura do Telejornal (20/11/2022)	34
Figura 6- Tabela de Word.....	35
Figura 7- Manchete de uma notícia da SIC Notícias do dia 08/11/2022.....	36
Figura 8- Manchete de uma notícia do jornal Expresso do dia 18/11/2022	37
Figura 9- Manchete de uma notícia do jornal Diário de Notícias	44
Figura 11- Assunto polémico no Telejornal do dia 20 de novembro de 2022	45
Figura 10- Assunto polémico no Telejornal do dia 19 de novembro de 2022	45
Figura 12- Assunto polémico no Telejornal do dia 19 de novembro de 2022	46
Gráfico 1-Tipologia das Peças de Desporto no Telejornal da RTP 1.....	38
Gráfico 2 - Proeminência no Telejornal da RTP 1	39
Gráfico 3 - Tipo de peça sobre Desporto presente no Telejornal da RTP 1.....	40
Gráfico 4 - Duração das peças do Telejornal da RTP 1 em minutos e segundos.....	41
Gráfico 5 - Fontes consultadas durante a cobertura do Mundial do Catar no Telejornal da RTP 1.....	42

ANEXOS

ANEXO I

Entrevista ao jornalista, enviado para o Mundial do Catar em 2022, João Domingos

P: Houve alguma preparação, a qualquer nível, antes de partirem para o Catar?

R: Houve uma preparação, houve várias reuniões da equipa que foi para o Catar, inclusive fizemos um grupo no WhatsApp até para nos organizarmos e depois tivemos várias reuniões, com vários elementos, e houve uma preparação para definir o que íamos fazer, que conteúdos é que íamos trabalhar até por causa dessas questões mais polémicas, como é que íamos abordar essas questões, que tipo de reportagens é que íamos atacar logo desde início e começamos por esses temas mais polémicas dos direitos humanos, portanto definimos logo a nossa estratégia inicial de como é que íamos abordar o nosso trabalho no Mundial do Catar, e também redefinimos como é que íamos trabalhar e depois também a parte desportiva, mas essencialmente foi muito essa parte de decidir como é que íamos abordar esses assuntos sensíveis. Foi uma coisa organizada pelo nosso coordenador Manuel Fernandes Silva no terreno e também com a direção, até para depois definir uma situação em que íamos fazer alguns vídeos para as redes sociais e tivemos também uma reunião com o pessoal de multimédia: como é que eles iam receber isso, colocar no site, como é iam distribuir esse conteúdo, pronto, fizemos essa organização prévia de trabalho com a equipa que ia para o Catar e também com o pessoal do multimédia porque ia ter essa componente do programa do mundial digital.

P: Este mundial foi diferente dos outros?

R: Eu não fui a outro, portanto não posso dizer claramente que foi diferente, mas existe sempre uma preparação para este tipo de competições. É uma operação que tem vários custos, custos elevados e nós queremos ir para lá preparados para fazer o nosso melhor trabalho. Existe sempre uma preparação prévia para chegarmos ao trabalho preparados para fazer o melhor trabalho, agora, posso dizer que talvez tenha havido uma atenção especial em relação ao Catar por causa de, pronto, é o primeiro Mundial num país árabe, havia muitas restrições em termos de logística, tivemos de fazer um cartão que era uma espécie de visto especial para o campeonato do mundo, portanto eles tinham uma série de

regras que nós tivemos de estar atentos a isso mais em termos de logística do que de credenciação para estarmos prontos para ir para o Mundial. Um bocadinho mais complexo eu acho, pelo menos pela ideia que tive e pelo feedback que tive, foi mais complexo que outros mundiais. Nesse aspeto das regras deles e também tínhamos de estar sempre a acompanhar aquilo que ia saindo em termos de informação em relação à maneira como podíamos trabalhar lá por causa dessas regras, porque havia muito, falava-se muito de que não se podia filmar certos sítios, certas coisas, e nós até recebemos uma lista por parte da organização disso, daquilo que podíamos filmar e trabalhar, e onde não podíamos e pronto, houve sempre uma atenção especial a isso porque é um país com regras diferentes daquilo que estamos habituados aqui na Europa, apesar de os últimos mundiais foram em países também polémicos e sensíveis. A Rússia é um país que vive em ditadura, não é, digamos assim... não é assumida, mas é como se fosse, e agora, está em guerra com a Ucrânia, também o mundial na África do Sul, se não me engano, foi o primeiro mundial num continente africano, portanto aí também houve algum cuidado por ser um país com grandes diferenças entre a população e o histórico. Teve de haver um cuidado grande... e é um país perigoso, não é, portanto os últimos mundiais não têm sido fáceis para quem vai cobrir, têm todos questões muito sensíveis e o Catar teve as dele, como teve a Rússia, como teve a África do Sul e como o Brasil, também, porque o Brasil também é um país assimétrico em termos de sociedade e acredito que tenha tido uma atenção especial antes da cobertura e uma preparação especial.

P: Alguma vez foram privados de obter acesso à informação?

R: Não, eu não senti isso lá, as coisas que se vão falando antes do mundial são sempre mais negras do que aquilo que realmente acontece no terreno e é difícil controlar um país tão pequeno, controlar um milhão de pessoas que entra naquele país e controlar toda a gente. Falava-se muito, havia muita informação a sair cá para fora antes de irmos para o Mundial, regras apertadas, daquilo que se ia poder filmar ou não, eu nunca senti qualquer restrição ao meu trabalho tanto no estádio, como à volta nos recintos, como nas zonas normais em Doha, era quase tudo em Doha, nunca sentimos grandes restrições em relação ao nosso trabalho. Claro que nós no início íamos um pouco a apalpar terreno, a ver o que podíamos fazer, o que não podíamos fazer, porque não é, ninguém quer ser mandado embora ou ser preso, mas queremos também fazer o trabalho jornalístico que temos para fazer, tocar nos assuntos sensíveis e importantes que estavam à volta daquele campeonato do mundo, mas eu posso dizer que nunca sentimos qualquer restrição. Só houve uma vez

que estávamos num restaurante, na esplanada, e o meu colega de imagem tinha um *gymbal* com uma câmara mais pequena, era no início e ele ainda estava a testar como funciona e tinha aquilo em cima da mesa, estava a fazer os testes, e estava mais gente, incluindo cataris a almoçar, e o responsável do restaurante foi-nos pedir para não estarmos a filmar. Foi o único episódio que tivemos sobre restrições.

P: Alguma vez foram alvo de repúdio, desconfiança, alguma restrição na liberdade de expressão?

R: Eu posso dizer que fomos recebidos espetacularmente bem, fomos super bem tratados, eles super simpáticos, às vezes eles não queriam falar, mas também estavam no seu direito como acontece aqui, mas nunca sentimos nenhum tipo de pressão. Claro que as regras eram para cumprir, mas isso era em todos os mundiais: era credencial, ir pelos acessos corretos, seguir as indicações que estavam nos recintos, mas isso é completamente normal em todos os campeonatos do mundo. Isso tem que ver até com a organização e com a segurança, mas em termos de pressões ou episódios desses, não sentimos qualquer situação dessa.

P: Durante a cobertura do mundial, houve muito poucas peças jornalísticas onde as causas sociais e as polémicas foram abordadas e apenas se abordou tais questões nos três primeiros dias do mundial. Consideras isto normal, ou sentes que falhou aqui algum julgamento?

R: É um mundial de futebol, isso é inevitável e é o que eu digo, se nós formos olhar para o bolo todo parecem poucas, mas depois temos de ter em conta essa questão que é: metade são sobre a seleção e isso é inevitável não é, nós estamos ali para cobrir a seleção nacional. Tem várias explicações, a primeira é que é um mundial de futebol e metade das peças são sobre a seleção nacional, depois era aquilo que eu estava a dizer, nós decidimos logo no início que íamos matar esses assuntos, ou seja, que íamos começar por aí (pelos temas mais sensíveis) esta abordagem ao campeonato do mundo. Então atacámos logo por aí essas questões e matámos logo aí esse assunto abordado isso nos primeiros dias, essas questões dos direitos humanos, da escolha do mundial, das polémicas envolvidas, portanto eu não acho pouco porque temos de esclarecer bem que isto é um mundial de futebol e se formos a olhar é como dizia, metade são da seleção, um quarto é dos adversários e começa a sobrar poucas outras peças e acaba por ser um número relevante, porque depois durante o mundial, na verdade, nós não encontrámos tantas polémicas.

Falou-se muito mais antes, e no início, porque sabia-se o que tinha acontecido, como é que este mundial tinha sido ganho, as polémicas em que estavam envolvidos, matou-se esses assuntos, falou-se nesses assuntos porque era uma preocupação inicial de toda gente, mas depois eles, ou camuflaram aquilo tão bem, ou trabalharam aquilo tão bem que nós não encontrámos esse tipo de situações para que pudéssemos apontá-las. Não íamos agora inventar coisas que não víamos lá. No terreno não fomos confrontados com esse tipo de situações, muito pelo contrário, pode-se dizer que eles fizeram uma maquilhagem durante aquele mês, mas a verdade é que a fizeram bem, tanto que nós não fomos confrontados com esse tipo de situações e abordámos logo esses temas mais sensíveis no início e nunca fugirmos a essas polémicas. Quando era preciso falar, falávamos e pronto.

P: Consideras que o Mundial do Catar teve espaço suficiente no Telejornal da RTP 1?

R: Eu diria que foi melhor em relação àquilo que é a norma e a média do espaço que nós costumamos ter no telejornal durante o resto do ano, em que o desporto é posto na cauda e se é preciso cair alguma coisa, cai o desporto, portanto pronto, mas isto são critérios editoriais, de coordenação, e há pessoas que estão nessas posições e têm esse cargo, e essa responsabilidade, de escolher o que acham melhor para o alinhamento do telejornal de maneira a equilibra-lo. Nós também defendemos a nossa dama, podemos concordar ou discordar daquilo que é normal durante o ano. Eu acho que tivemos sempre o nosso espaço, falou-se todos os dias, entramos no telejornal, às vezes tínhamos uma, ou outra, reportagem que seria interessante entrar também, mas tinha de haver escolha daquilo que entrava no telejornal. O telejornal tem só uma hora, é limitado no tempo, e há uma questão aqui que é: normalmente os campeonatos do mundo decorrem durante o verão, tem sido sempre assim à exceção deste, portanto há mais espaço para colocar reportagem, peças, mais tempo para os campeonatos do mundo. Neste caso não. Aconteceu durante uma altura em que está tudo a acontecer em termos de notícia, em que tínhamos uma guerra, em que estava tudo a acontecer, portanto acredito que em relação aos últimos mundiais tenha havido um pouco menos de tempo, mas acho que conseguimos sempre marcar presença no telejornal e depois tínhamos sempre os programas específicos de cobertura do Mundial, portanto nós também apontávamos para aí. Se não me engano, haviam 4 programas no total na RTP, neste caso na RTP 3, portanto nós não trabalhávamos só para o telejornal, trabalhávamos para os outros programas e tendo em conta que há outros

espaços específicos do Mundial nos nossos canais, o telejornal não pode dar só mundial porque isso existe noutros programas e, portanto, tem de ser uma coisa equilibrada e eu acho que foi equilibrada e colocámos sempre o tempo que achámos necessário no telejornal para mostrarmos o que estava a acontecer no telejornal.

ANEXO II

Entrevista ao jornalista, enviado para o Mundial do Catar em 2022, João Miguel Nunes

P: Houve alguma preparação, a qualquer nível, antes de partirem para o Catar?

R: Eu não posso aqui fazer grandes comparações porque este é o meu primeiro mundial, não sei como é que foi feito nos outros. Portanto, desde logo, esta questão é difícil de responder-te. Claro que houve preparação, reunimos várias vezes para tentar encontrar, desde logo, ideias inovadoras e também definir aquele que seria o nosso trabalho no Catar, mas sim reunimos para tentar balizar aquilo que seria o nosso trabalho para também perceber o que é que iríamos fazer no Catar, em que moldes é que iríamos trabalhar e quem é que ficaria a fazer o quê. É difícil de fazer porque o dia-a-dia, como tu sabes, no jornalismo é que acaba por definir aquilo que nós vamos fazendo. Quando eu digo definir aquilo que cada um ia fazer é para ter uma ideia de quais é que eram os momentos que iríamos trabalhar, ou seja, qual é que seria o enfoque que iríamos ter nessa ida ao Catar e quais seriam os temas que íamos tratar.

P: Alguma vez foram privados de obter acesso à informação?

R: Não, que eu me recorde não. Também agora já estou a falar contigo um bocadinho longe do Catar, mas que eu me recorde não. Quer dizer, não... trabalhámos sem qualquer problema à exceção desse episódio que eu te estava a dizer. Pelo menos na rua e em todos os espaços trabalhámos sempre sem qualquer problema e, portanto, que eu me recorde não.

P: Alguma vez foram alvo de repúdio, desconfiança, alguma restrição na liberdade de expressão?

R: Não, que eu me recorde não. Tivemos apenas eu e o David Freitas no momento em que tentamos chegar à fala com o Presidente da República. Fomos para o hotel onde iria chegar o Marcelo Rebelo de Sousa, mas essa era uma área que estava restrita. Há uma certa credencial de segurança que nós não tínhamos, portanto foi feito de certa forma pela organização do Mundial, também pela polícia do Catar, creio eu, mas a princípio deverá ser isso, uma espécie de credenciação com certos níveis de segurança e nós chegámos a essa zona, mas não tínhamos a possibilidade de estar lá porque nos faltava na nossa credencial um número que nos permitira estar lá e foi-nos pedido que saíssemos dessa zona e que passássemos para fora do perímetro de segurança e, portanto, compreendo que o que estaria na base dessa decisão, o que levou a essa decisão foi o facto de estarmos num sítio onde estariam altas entidades e que haveria algum código de segurança que nós tínhamos de respeitar.

P: Durante a cobertura do mundial, houve muito poucas peças jornalísticas onde as causas sociais e as polémicas foram abordadas e apenas se abordou tais questões nos três primeiros dias do mundial. Consideras isto normal, ou sentes que falhou aqui algum julgamento?

R: Não creio que tenha faltado essa consciencialização, porque desde logo nós definimos vários eixos de quais seriam os temas que tinham de ser abordados e, desde logo, mal chegamos, o nosso enfoque foi, depois de tudo o que aconteceu, se não quiséssemos, digo eu, falar desses temas, ou fosse essa a questão, não o teríamos feito logo no início, ou seja, a nossa perceção jornalística foi de que esses temas eram tão importantes que tratamos deles logo quando chegámos ao Catar. De resto, fizemos aqui (em Portugal) trabalho prévio para que isso, nem fui eu que fiquei tanto com essa temática, porque o Manel e o João Domingos foram dias antes de mim para o Catar, estiveram lá mais três ou quatro dias antes de mim, e eles a primeira coisa que fizeram foi tratar desses temas todos, aliás, até houve uma série de material que fomos tentando recolher ao momento prévio da nossa ida para o Catar para poder, depois lá, ter toda a capacidade de juntar todas as problemáticas. E depois eu tentei, daquilo que me era dado a perceber, embora nem sempre fosse fácil, contar sempre um bocadinho daquilo que ia acontecendo lá e daquilo que nós íamos vendo. Posso-te dar a título de exemplo uma peça que fiz sobre as noites árabes no mundial, creio que até está no meu Instagram essa peça... para mostrar também aquilo que se estava a passar no país e a cultura árabe expressa no Catar, ou seja, acho que tentámos sempre abordar sempre todas as problemáticas, acho que nada ficou

por abordar, pelo menos as questões que foram envoltas em polémicas acho que foram todas abordadas e a prova de que, de facto, esses temas eram importantes para a equipa que foi para lá foi o facto de, assim que chegámos, abordar esses temas. Eles foram os mais urgentes e foram os primeiros a ser abordados.

P: Consideras que o Mundial do Catar teve espaço suficiente no Telejornal da RTP 1?

R: É muito complicado responder-te a essa pergunta, porque obviamente nós, como jornalistas, tentamos sempre estar atentos a tudo o que se passa no mundo, e estamos como é óbvio, mas num trabalho tão exaustivo e tão exigente como é o Mundial, nós, às vezes, não temos a perceção do que se está a passar cá, do que se está a passar lá, ou seja, eu acho que o mundial foi altamente bem tratado pela RTP, tínhamos quase, acho que não falhou nenhum dia, posso estar aqui a cometer um erro, não quero estar a ser taxativo, mas acho que não falhou nenhum dia um direto com a informação do que se estava a passar no Catar. O Mundial terá tido 30 dias... Eu recordo-me, não sei se isso vai ser abordado por ti na tese, quer dizer, há dias em que a importância e a força jornalística de alguns temas, da importância desses temas, obriga a que coloques quase um enfoque nessas matérias. Eu creio que me recordo, certamente não estarei errado, tu deves ter feito esse levantamento, mas houve um dia em que tivemos cheias no país inteiro e que foram cheias que não víamos há muito tempo, situações muito complicadas. Recordo-me que aqui na zona de Algés ficou completamente inundado, montes de pessoas que perderam os seus bens materiais e portanto, é normal que num espaço como o Telejornal não consigas ter tanto espaço para abordar tudo. Mas sim, de grosso modo sim, acho que sim.

ANEXO III

Entrevista ao jornalista, enviado para o Mundial da Rússia em 2018, Gonçalo Ventura

P: Em 2018, quando foi para o Mundial da Rússia teve alguma preparação específica para ti e para a equipa que foi consigo?

R: Há sempre nestes eventos uma preparação técnica, ou seja, para aquilo que é o conteúdo editorial. A preparação requer primeiro saber para onde vou, com quem vou trabalhar, para aonde é que vou porque também temos que fazer esse contexto às pessoas. Por exemplo, eu estava num centro de Kratovo, que era o centro operacional de Portugal, portanto a base da seleção nacional portuguesa, onde nós voltávamos sempre que havia um jogo. A seleção jogava noutras cidades, mas eu tinha que dizer às pessoas, contar às pessoas e, neste caso, quando estou a falar das pessoas refiro-me aos telespectadores obviamente, onde é que estávamos, que cidade era aquela. Por exemplo, lembro-me perfeitamente que era uma cidade que tinha uma grande base militar, que imagino que esteja a ser usada agora para outros fins, uma das maiores bases militares da Rússia, e que era a quarenta quilómetros de Moscovo, opah, tivemos de contar isso tudo. A preparação que tivemos na altura foi baseada essencialmente naquilo que é o contexto de para onde vamos para podermos depois relatar e não ter surpresas: em direto fazerem-me uma pergunta e eu não saber responder, portanto basicamente é saber tudo sobre aquela cidade, tudo socialmente, economicamente como é que funciona, o que é a Rússia, neste caso, como tu sabes é um continente, uma coisa gigante e a seleção jogou em várias cidades, portanto eu tinha de saber mais ou menos para onde é que ia, o que fazia e o que ia fazer. E depois há também a programação da reportagem. Há a reportagem diária que eu fazia porque eu era o repórter que estava sempre com a seleção portuguesa, portanto eu tinha menos histórias para contar à volta do Mundial, mas também tinha algumas reportagens que foram previamente agendadas, ou pensadas, para depois executar no terreno. Logisticamente, lembro-me que para a Rússia vistos de trabalho, passaportes, lembro-me que aquilo foi minucioso e logo aí há uma certa... eu diria que eles não fazem aquilo. Eles aceitam, obviamente, as nossas creditações de imagem, a nossa entrada no país,

mas lembro-me que passou por uma série de fatores: eu tive de mandar imensos dados sobre a minha vida, não as minhas rotinas, mas eles de certeza que foram vasculhar tudo o que havia sobre mim, tudo o que eu tinha dito e não dito e umas semanas antes de viajar lembro-me de ter um curso na agência lusa para jornalistas portugueses sobre direitos humanos. Como tu sabes, a Rússia não é um país onde, por exemplo, a comunidade *gay* e lésbica, LGBT tenha liberdade. Por exemplo, uma mão dada, um beijo na boca, na altura era logo criminalizado à luz do dia. Nós ficámos também com esse contexto, não só para nós, mas também para o relatar e o que eu me lembro é que foram lá os senhores da embaixada russa dar, depois, a opinião deles, depois de ouvirem os tipos da amnistia internacional falar, eles foram lá também dar a versão deles e aquilo foi um bocado contraditório e até ríspido porque eles disseram “não, lá no nosso país podes fazer o que tu quiseses que não há problema nenhum”.

P: Durante a cobertura do Mundial da Rússia, alguma vez sentiu restrição no acesso à informação, alguma vez foi alvo de repúdio, desconfiança ou restrição no acesso à informação?

R: Na Rússia não me recordo ter sentido isso no trabalho. Há países onde não podes colocar o tripé da câmara em qualquer lado, ali só houve uma restrição que não podíamos entrar com câmaras na zona do Kremlin, em Moscovo. Não era permitida a captação de imagens profissionais, ou seja, podias filmar com o teu telemóvel, mas não o podias fazer com uma câmara da RTP, portanto, nós entramos no Kremlin, mas não foi em trabalho. Entrei na praça vermelha, à paisana, sem microfone, mas lembro-me que era proibido a presença de jornalistas com equipamento, fizemo-lo com os nossos telemóveis. Sentia-se também muito, em determinadas zonas, e principalmente em Moscovo, que haviam senhores que nos observavam, isso sim, mas nunca me disseram não faças isto, não faças aquilo.

P: Calculo que o Mundial da Rússia em 2018 também tenha sido polémico, tal como o Mundial do Catar, pelo facto de, enfim, a Rússia não ser um país democrático. Na altura, essas polémicas foram abordadas?

R: Foram. Acho que já antecipei essa questão. Havia uma grande... na altura havia um movimento da amnistia internacional e um movimento LGBT, que contestavam o facto de o mundial ser num país que não respeita os direitos dessas pessoas. Lembro-me que houve alguma polémica, não tão grande como foi agora no Catar, diria não tão

disseminada, mas houve também essa polémica: como é que se faz um grande evento desportivo num país que não respeita a diferença e determinados grupos da população. A resposta é simples: o dinheiro fala mais alto no futebol. Houve essa preocupação, tanto que eu fui a essa conferência, eu e vários jornalistas que estavam creditados para o mundial, não só da RTP, mas também de outros órgãos de comunicação social, fomos a essa conferência onde estava a amnistia internacional e onde, também, ouvimos os russos a dizer que tudo isto não era verdade e a amnistia traçou um cenário de pessoas que estavam presas, de pessoas que tinham fugido de incidentes, tinham de fugir, inclusivamente, do país para defender a causa LGBT, porque lá não o podiam fazer e eram reprimidos.

P: Esses assuntos, recorda-se se foram abordados, porque por exemplo, os assuntos polémicos ligados ao Catar foram apenas abordados nos primeiros três dias. Lembra-se se em 2018 como é que foram abordadas essas questões, se só foram nos primeiros dias, se foi antes e com o começo do mundial terminou?

R: Já respondeste à questão. Foi tal e qual. Primeiro muita polémica, muito protesto, muitas vozes se fizeram levantar e ouvir relativamente a essas questões e quando a bola começou a rolar abafou tudo, o futebol abafa tudo. Portanto, falou-se muito menos disso e falou-se muito mais de futebol, foi o que aconteceu. Eu este ano fui alvo de uma polémica, eu fiz a cobertura da cerimónia de abertura do campeonato do mundo do Catar, muitos telespectadores da RTP queixaram-se à provedora porque eu não deixei ouvir algumas músicas, porque eu falei em cima como comentador e porque... pronto, era uma cerimónia muito especial, onde tinhas o Morgan Freeman e o Morgan Freeman aceitou fazer aquela abertura, aquela performance mediante algumas condições, desde logo o texto: perguntar, por exemplo, no texto que foi encenado, “mas eu sou bem-vindo ao Catar?” e depois respondia-lhe um *Catari* (terminologia para habitante do Catar) “sim, aqui todos são bem-vindos”, portanto aquilo era uma limpeza da imagem. E eu tive que, por várias vezes, contextualizar que tinha morrido muita gente no Catar, que não era uma democracia, e que, por exemplo, a comunidade homossexual ou LGBT não tinha direitos lá, quaisquer direitos, aliás, eram reprimidos e até castigados e disse isso várias vezes na transmissão. Houve pessoas que se queixaram que falei muito, mas o jornalista não é propriamente o narrador do festival da eurovisão, o jornalista está ali para contextualizar e para dizer o que se está a passar ali naquele momento e porquê que as pessoas estavam a dizer aquilo naquele momento.

P: Portanto, as polémicas só foram abordadas, também, nos primeiros dias?

R: Sim, sim. As polémicas foram sendo abordadas massivamente nos primeiros dias, antes de aquilo começar e depois abrandou, não é... porque depois a bola abafa tudo, os resultados desportivos abafam tudo, o pessoal quer é ver futebol.

P: Considera normal que tais polémicas só tenham sido abordadas nesses primeiros dias?

R: Considero que se devia fazer mais trabalho a esse nível, mas os meios humanos e técnicos às vezes não permitem e quando tu tens que acompanhar... estamos a falar de um órgão de comunicação social português, que está num país distante, que não pode mandar para lá dez pessoas, se temos dois eventos, ou três, ou quatro para acompanhar, e somos três, temos de dividir-nos por isso e, portanto, o futebol é a prioridade, mas sim, acho que podíamos ter feito mais.